

DM

Entre Sonhos e Realidades
As narrativas de jovens
em acolhimento residencial
sobre conjugalidade e família

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Eduarda Micaela Camacho

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA, DA SAÚDE E BEM-ESTAR



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

junho | 2024

Entre Sonhos e Realidades
As narrativas de jovens
em acolhimento residencial
sobre conjugalidade e família

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Eduarda Micaela Camacho

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA, DA SAÚDE E BEM-ESTAR

ORIENTAÇÃO

Alda Patrícia Marques Portugal

COORIENTAÇÃO

Isabel Maria Marques Alberto

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós”*

(Antoine de Saint-Exupéry, 1933)

Agradecimentos

Existem dias que marcam a nossa vida e transformam o nosso futuro. E este é um desses dias. O dia em que demos mais um passo na construção de um futuro, o dia em que sentimos que crescemos. O caminho fez-se caminhando. E muito. E só tenho de agradecer às pessoas que foram luz e bússola neste meu percurso:

À Professora Doutora Alda Portugal: você foi um grande pilar neste percurso! Obrigada pelo seu carinho, cuidado, sensibilidade, disponibilidade, pelas conversas, conselhos, compreensão e por todo o apoio ao longo destes anos e sobretudo neste percurso! Você é um verdadeiro modelo de referência e uma inspiração! Voltaria a escolhê-la sempre!

À Professora Doutora Isabel Alberto: foi um enorme privilégio e uma honra tão grande tê-la presente neste meu percurso. Obrigada por ter sempre contribuído com o seu conhecimento, obrigada pela sua generosidade, disponibilidade, carinho e por todas as partilhas! Voltaria a escolher este mesmo tema e esta mesma equipa para trabalhar!

A todos os professores da Universidade da Madeira, mas especialmente aos que marcaram e muito o meu percurso ao longo destes cinco anos: Prof^a. Dora Pereira, Prof. Nuno Rodrigues e Prof^a. Soraia Garcês, convosco aprendi muito e agradeço-vos por tudo ao longo deste tempo!

À Doutora Cláudia Carvalho: por ter sido um enorme apoio neste percurso, por me ter auxiliado em diversas situações, que tornou também este projeto possível!

A todos/as os/as jovens que aceitaram participar neste estudo: pelo seu tempo e disponibilidade, por confiarem em mim para exporem as suas crenças e, até certo ponto, confidencialidades.

A todos/as os/as restantes jovens com que me cruzei ao longo desta jornada: um muito obrigada!

A toda a equipa técnica, educativa e assistentes operacionais da Casa de Acolhimento: por me terem apoiado e auxiliado tantas vezes!

À minha maior saudade e inspiração: Avô, espero que esteja orgulhoso por mais esta etapa concluída, deste que era e é o nosso sonho! Este percurso só foi possível porque você existe e existirá sempre na minha vida! Tenho tantas saudades suas! Obrigada por tudo!

A outra estrela brilhante que me ilumina: D.^a Agostinha, sei o quanto feliz você ficava com as minhas conquistas e com a minha felicidade! Sinto muito a sua falta e agradeço por tudo o que fez por mim!

A Deus: pela coragem e pela força que me concede todos os dias!

Ao meu António: por todos estes anos de caminhada lado a lado, por estar sempre comigo e por nunca permitir que eu desista dos meus sonhos!

À minha avó, aos meus pais, tios e primos: obrigada por tudo! Vocês são a minha inspiração e motivação e é também por vocês e para vocês que tudo isto vale a pena!

Às pessoas que me motivaram a iniciar esta aventura da Psicologia e estiveram sempre do meu lado: Bispo Emanuel, Pedro, D.^a Bety e Sr. Bernardo, um obrigada nunca será suficiente para agradecer por tudo o que fizeram e fazem por mim!

Aos meus amigos, que são família: Matilde, Cristina, Diogo, Sofia, André e Joana, vocês são os melhores amigos que alguém poderia ter!

À Micaela e à Estela: Obrigada pela vossa generosidade e por terem sempre uma mão estendida!

À Ana e à Carlota por serem das melhores pessoas que a Psicologia colocou na minha vida!

Ao Sancho, à Sara e à Catarina por serem colegas presentes e amáveis, por terem acolhido as minhas lágrimas e celebrado os meus sorrisos! Obrigada por terem partilhado todo este percurso comigo!

À Universidade da Madeira por ter investido neste Mestrado e por ter possibilitado ao longo destes cinco anos, um ensino exímio e muito acolhedor!

Às restantes pessoas que passaram pela minha vida e marcaram o meu percurso: obrigada pelo vosso contributo!

Tenho cada um de vós dentro do meu coração e memória!

Muito obrigada por tudo!

Resumo

O acolhimento residencial de crianças e jovens surge como resposta de proteção para aqueles/as que vivem em contextos familiares caracterizados por vivências de adversidade. Viver adversidade continuada e precoce tem impacto no desenvolvimento e bem-estar de crianças e jovens, e nas representações que constroem sobre o que é ser família e casal. O presente estudo teve como objetivos analisar os significados atribuídos por jovens em acolhimento residencial acerca do que é família e namoro/conjugalidade, identificando também as suas expectativas sobre futuras relações conjugais e familiares. Foi adotada uma metodologia qualitativa, com base em oito entrevistas individuais e presenciais ($N=8$; $M= 17$ anos; $DP= 1.60$). As entrevistas foram realizadas e analisadas seguindo a Análise Fenomenológica Interpretativa. Os resultados sugerem que os/as jovens perspetivam namoro/conjugalidade e família como configurações relacionais marcadas por suporte e reciprocidade, desejando construir futuros relacionamentos baseados nesses alicerces. Estas conceções e expectativas futuras foram atribuídas às suas próprias experiências/vivências (e.g., família, amigos). Esta investigação é relevante e inovadora na medida em que contribui para enriquecer a literatura empírica e para promover uma compreensão mais sistémica e holística da visão dos/as jovens sobre estes temas. Este estudo poderá contribuir para redirecionar o foco dos processos de intervenção psicoterapêutica e ser útil na promoção de programas de prevenção.

Palavras-chave: narrativas, expectativas, namoro, conjugalidade, família, jovens, acolhimento residencial

Between Dreams and Realities: The narratives of young people in residential care about conjugality and family

Abstract

Residential care for children and young people emerges as a protective response for those living in family contexts characterized by experiences of adversity. Experiencing continued and early adversity impacts the development and well-being of children and young people and influences the representations they construct about what it means to be a family and a couple. The present study aimed to analyse the meanings attributed by young people in residential care regarding what family and dating/coupling mean, also identifying their expectations about future conjugal and family relationships. A qualitative methodology was adopted, based on eight individual, face-to-face interviews ($N=8$; $M= 17$ years; $SD= 1.60$). The interviews were conducted and analysed following Interpretative Phenomenological Analysis. The results suggest that young people perceive dating/coupling and family as relational configurations marked by support and reciprocity, desiring to build future relationships based on these foundations. These conceptions and future expectations were attributed to their own experiences (e.g., family, friends). This research is relevant and innovative as it contributes to enriching the empirical literature and promoting a more systemic and holistic understanding of young people's views on these topics. This study could help redirect the focus of psychotherapeutic intervention processes and be useful in promoting prevention programs.

Keywords: narratives, expectations, dating, conjugality, family, young people, residential care

Índice

Introdução	8
I. Enquadramento Teórico	10
1.1. Adolescência: Desafios do desenvolvimento individual e familiar	10
1.2. Família, contexto de risco e proteção: Experiências de adversidade na infância .	13
1.3. Acolhimento residencial: conceptualização e enquadramento legal	15
1.4. Narrativas dos/as jovens em acolhimento residencial relativamente à conjugalidade e família	17
II. Objetivos	21
III. Metodologia	21
3.1. Desenho da Investigação	21
3.2. Participantes	22
3.3. Instrumentos	23
3.4. Procedimento de Recolha de Dados	24
3.5. Procedimentos de Análise de Dados	25
IV. Resultados	26
V. Discussão	39
5.1. Limitações, pontos fortes e sugestões para estudos futuros	45
5.2. Contribuições do estudo	47
VI. Conclusões	48
Referências Bibliográficas	50
Apêndices	59
Apêndice I – Parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade da Madeira ..	60
Apêndice II – Parecer favorável do Instituto de Segurança Social da Madeira	61
Apêndice III – Consentimento Informado para a Casa de Acolhimento	62
Apêndice IV - Consentimento Informado para os Pais/Representantes Legais dos Jovens	64
Apêndice V – Assentimento Informado para os Jovens	65
Apêndice VI – Ficha dos Dados Sociodemográficos dos Participantes e Guião da Entrevista Semiestruturada	66

Índice de Figuras

Figura 1	28
<i>Árvore de palavras com as dimensões e subdimensões que emergiram dentro das Narrativas sobre Namoro/Conjugalidade</i>	28
Figura 2	32
<i>Árvore de palavras com as dimensões e subdimensões que emergiram dentro das Narrativas sobre Família</i>	32

Índice de Tabelas

Tabela 1	23
<i>Caracterização sociodemográfica dos participantes</i>	23
Tabela 2	38
<i>Se a tua vida fosse um filme, como se chamava e porquê?</i>	38

Introdução

A família é usualmente percebida como o “lugar onde nascemos, crescemos e morremos” (Alarcão, 2006, p. 35). É ao longo da infância que o indivíduo vai construindo o seu sistema de valores e as competências que o ajudam na construção da sua identidade, sendo que a família tem um papel basilar no seu desenvolvimento, sobretudo por ser o contexto com funções executivas, afetivas e de proteção de referência dos indivíduos (Alarcão, 2006; Almeida, 2011; Portugal & Alberto, 2010). No entanto, tal nem sempre ocorre, pois nem todas as famílias conseguem garantir um ambiente acolhedor, estruturado e apropriado para o bem-estar da criança. Quando a família não reúne condições de assegurar o desenvolvimento, a proteção e o bem-estar da criança/jovem, uma das medidas de promoção e proteção é o acolhimento residencial (Art.º 35.º do Decreto-Lei n.º 147/99). O acolhimento residencial está previsto na Lei de Promoção e Proteção n.º 147/99 de 1 de setembro, que rege a promoção dos direitos e a proteção das crianças e dos jovens em perigo, de modo a garantir o bem-estar e desenvolvimento integral destes/as.

Em Portugal, no ano de 2022, existiam 6.347 menores no sistema de acolhimento, sendo que a maioria, ou seja, 3.651 crianças e jovens, encontravam-se em casas de acolhimento residencial (84%) (Instituto da Segurança Social [ISS], 2023). A maior parte destas crianças e jovens são do sexo masculino (52%), sendo 65% adolescentes e jovens adultos, entre os 12 e os 20 anos (ISS, 2023). A negligência por parte dos pais, cuidadores e/ou representantes legais foi a principal situação de perigo identificada, havendo também registo de maus-tratos físicos e psicológicos ou casos de violência sexual (ISS, 2023).

Apesar da adolescência constituir uma etapa na qual os indivíduos se tornam, progressivamente, mais autónomos e independentes nas suas tomadas de decisão (Arnett, 2013), o contexto familiar continua a exercer um papel primordial nos projetos pessoais dos/as jovens, concretamente no que diz respeito ao namoro/conjugalidade (Gassanov et al., 2008). Assim, a presente investigação procura analisar e compreender os significados atribuídos pelos/as jovens em acolhimento residencial relativamente à família e ao namoro/conjugalidade e identificar as suas expectativas sobre uma futura relação conjugal e constituição de um núcleo familiar. Esta investigação é relevante, pois pode promover um conhecimento mais aprofundado sobre as necessidades, interesses e preocupações dos/as jovens em situação de acolhimento residencial, permitindo o desenvolvimento de programas e/ou intervenções mais responsivos às suas realidades pessoais, favorecendo a construção de relacionamentos saudáveis no futuro.

A presente dissertação encontra-se estruturada em seis partes. Começa com um enquadramento teórico, o qual contempla uma revisão da literatura estruturada sobre os tópicos da adolescência, das experiências de adversidade na infância, do acolhimento residencial e das narrativas dos/as jovens em acolhimento residencial sobre namoro/conjugalidade e família. Posteriormente, são descritos os objetivos, geral e específicos desta investigação. Segue-se a apresentação da metodologia, a qual se subdivide no desenho da investigação, caracterização dos/as participantes, instrumentos utilizados, procedimento de recolha de dados e procedimento de análise de dados. Após a apresentação detalhada dos resultados obtidos, é feita uma discussão com base na revisão da literatura e apontadas as limitações do estudo. A dissertação termina com uma conclusão e reflexão sobre o papel desta investigação.

I. Enquadramento Teórico

1.1. Adolescência: Desafios do desenvolvimento individual e familiar

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por ser particularmente desafiante individualmente, mas também ao nível familiar, considerando as alterações físicas, mentais e sociais, com efeitos relevantes na regulação comportamental e emocional, bem como na qualidade das relações interpessoais (Benzi et al., 2023; Crone, 2016; Hopwood & Grilo, 2010; Papalia & Martorell, 2021; Sigelman & Rider, 2012; Steinberg, 2005). As aquisições do pensamento abstrato trazem implicações para o domínio psicossocial, particularmente com a descoberta e o exercício de autonomia, de novos papéis, de uma identidade pessoal e do alargamento da rede social particularmente através das relações com os pares (Baumrind, 2005; Moretti et al., 2018; Nucci et al., 2005; Papalia & Martorell, 2021). O pensamento abstrato/formal envolve a metacognição, oferecendo ao/à adolescente a capacidade de pensar sobre o seu próprio pensamento e sobre o pensamento partilhado pelos outros (Papalia & Martorell, 2021; Piaget, 1972), adquirindo maior flexibilidade de raciocínio sobre a realidade e as possibilidades que tem ao seu dispor, tendo também a capacidade de planear e de se projetar no futuro (Papalia & Martorell, 2021; Piaget, 1972).

Os desafios que a adolescência traz ao/à jovem, refletem-se no desenvolvimento e funcionamento familiares, uma vez que exigem mudança e ajustamento dos/as pais/mães às transformações dos/as filhos/as (Papalia & Martorell, 2021; Sigelman & Rider, 2012). A relevância que os pares adquirem na vida dos/as adolescentes implica que estes/as passem menos tempo com as suas famílias, o que pode ser percebido por pais e mães como desinteresse e/ou desinvestimento na família e não como uma necessidade normativa do desenvolvimento do/a jovem (Papalia & Martorell, 2021). A busca por maior independência e exercício de autonomia dos/as adolescentes leva a que os pais se reorganizem na sua função parental, conduzindo a um novo equilíbrio entre a supervisão necessária e a necessidade de dar espaço aos/às filhos/as (Baumrind, 2005). Um aspeto importante da individuação e autonomização é o estabelecimento de limites claros entre pais/mães e filhos/as adolescentes (Baumrind, 2005; Nucci et al., 2005), podendo resultar em conflito familiar, quando a comunicação não é clara e a proximidade emocional parento-filial desenvolvida durante a infância não é equilibrada (Baumrind, 2005).

Goldstein et al. (2005) destacam que os conflitos familiares podem aumentar à medida que os/as adolescentes desafiam as regras estabelecidas, procuram a sua identidade e questionam as normas e os valores da sua família. Assim, os conflitos tendem a ocorrer em

situações quotidianas, como estabelecer e cumprir horários e tarefas diárias, gerir dinheiro e relacionamentos de amizade e/ou de namoro (Adams & Laursen, 2001; Steinberg, 2005). Para além disso, o desenvolvimento de uma identidade própria, que é uma tarefa central da adolescência, pode ser difícil e complexa, visto que os/as adolescentes estão ainda em processo de exploração sobre quem são e quais são os seus valores e crenças de referência, o que pode resultar em mudanças nas atitudes e escolhas de vida, podendo ser difícil para pais e mães compreender as decisões dos/as filhos/as e fornecer-lhes o apoio necessário (Goldstein et al., 2005; Papalia & Martorell, 2021).

A forma como os pais exercem a parentalidade pode facilitar ou dificultar a mudança de pais e filhos/as na adolescência, diminuindo ou amplificando as dificuldades familiares (Baumrind, 1971). Os estilos de parentalidade são assim um aspeto importante a ter em consideração no desenvolvimento das crianças, existindo quatro tipos de estilo de parentalidade: o autoritário, o autoritativo, o permissivo e o negligente (Baumrind, 1971).

O estilo parental autoritário pauta-se por uma comunicação unilateral, em que pais e mães estabelecem regras rígidas, deixando pouco ou nenhum espaço para os/as filhos/as negociarem as regras impostas (Baumrind, 1971; Sanvictores & Mendez, 2022), tendo consequências negativas para as crianças, que podem vir a desenvolver uma baixa autoestima, tornar-se agressivas, tímidas, socialmente inadequadas e incapazes de tomar as suas próprias decisões (Martínez & García, 2007; Masud et al., 2019).

Por sua vez, o estilo parental autoritativo é caracterizado pelo relacionamento próximo e afetivo de pais e mães para com os/as filhos/as (Martínez & García, 2007). Neste estilo, pais e mães fornecem diretrizes claras sobre as suas expectativas, incentivam a autonomia dos/as filhos/as e fomentam uma comunicação clara, acompanhada de expressão de afeto (Martínez & García, 2007; Masud et al., 2019; Morris et al., 2007; Pong et al., 2010). Pais e mães com uma parentalidade autoritativa proporcionam às crianças condições para estas desenvolverem uma maior autoestima, sentido de responsabilidade, confiança e competências de regulação emocional e comportamental (Masud et al., 2019; Morris et al., 2007).

O estilo parental permissivo é caracterizado por demonstração de afeto dos/as pais e mães para com os/as filhos/as, mas manifestando poucas ou nenhuma expectativa relativamente a estes/as, e sem estabelecimento de regras e limites (Kuppens & Ceulemans, 2019; Langer et al., 2014; Sanvictores & Mendiz, 2022). Tal pode resultar em que as crianças tenham alguma autoestima e habilidades sociais (Sanvictores & Mendez, 2022) mas manifestem dificuldades de gestão emocional e comportamental, tornando-se impulsivas,

exigentes, egoístas e com dificuldades de se colocarem no ponto de vista do outro (Leeman et al., 2014; Piotrowski et al., 2013).

O estilo parental negligente é pautado por uma excessiva liberdade dos/as filhos/as, sendo que pais/mães não se mostram preocupados/as nem investidos/as no desenvolvimento e bem-estar da criança (Kuppens & Ceulemans, 2019; Sanvictores & Mendez, 2022). Por vezes, as necessidades básicas das crianças até podem ser supridas, porém os pais permanecem desligados da vida do/a filho/a (Sanvictores & Mendez, 2022). Estas crianças podem desenvolver uma autonomia precoce, mas que se revela desajustada, pois não foram cuidadas nem protegidas, e não se sentem amadas (Kuppens & Ceulemans, 2019). Assim, podem ter dificuldade em controlar as suas emoções e em manter ou nutrir relações sociais (Kuppens & Ceulemans, 2019; Nijhof & Engels, 2007).

Engels et al. (2002), num estudo que incluiu 508 jovens entre os 12 e os 18 anos, verificaram que os/as adolescentes cujos/as pais/mães adotavam um estilo parental autoritativo se sentiam mais aptos/as no estabelecimento de relações de qualidade com figuras significativas ao longo do seu desenvolvimento (Engels et al., 2002). Por sua vez, Mota e Matos (2008) concluíram que adolescentes cujos pais/mães manifestavam estilos parentais autoritários ou negligentes, tendem a procurar proteção e suporte fora da família, sendo essa busca feita, por vezes, de forma contraditória, através de comportamentos delinquentes ou disruptivos. Nestes casos, é possível perceber que os/as jovens sentem a solidão que o abandono parental lhes confere, revertendo o sofrimento nos seus comportamentos (Mota & Matos, 2008; Mota & Matos, 2018). Dell’Aglia et al. (2004) sustentam esta ideia num estudo qualitativo realizado com 50 adolescentes (13 a 20 anos) do sexo feminino que praticaram atos tipificados como crime. Os autores observaram que estas adolescentes viveram várias ruturas na relação com os seus cuidadores, sendo também vítimas de violência doméstica e violência extrafamiliar (Dell’Aglia et al., 2004). Assim, a fragilidade dos vínculos estabelecidos durante a infância e adolescência e a vivência em contextos caracterizados por instabilidade surgem relacionados com a manifestação de comportamentos não adaptativos (Dell’Aglia et al., 2004).

Se as transformações ativadas pela adolescência constituem um desafio para o/a adolescente e para a sua família, no sentido de acarretar dificuldades de gestão emocional e comportamental, tal tende a amplificar-se quando o contexto familiar do/a jovem não garante um adequado sentimento de pertença, de proteção e a responsividade parental que permita lidar de forma construtiva e adequada com a mudança (Ozturk et al., 2019).

1.2. Família, contexto de risco e proteção: Experiências de adversidade na infância

Apesar de a família ser o primeiro contexto de socialização (Alarcão, 2006; Portugal & Alberto, 2010), cumprindo um papel fundamental no desenvolvimento individual dos indivíduos, nem todas as famílias conseguem assegurar um ambiente estruturado e apropriado para o bem-estar e desenvolvimento das suas crianças e jovens (Sousa & Eusébio, 2005).

Os maus-tratos na infância enquadram as experiências precoces de adversidade, que podem resultar em sintomatologia internalizante e externalizante (Campos et al., 2019). O conceito de experiências adversas na infância (EAI) traduz a exposição a eventos potencialmente traumáticos, que podem ser frequentes e prolongar-se durante a infância, como o abuso físico e emocional, negligência física e emocional, abuso sexual, testemunhar ou ser vítima de violência doméstica, ter familiares com registo de abuso de substâncias, doença mental dos pais/cuidadores, separação ou divórcio dos pais e alienação parental (Allen & Donkin, 2015; Campos et al., 2019; Schickedanz et al., 2018). As consequências das experiências adversas podem facilitar, a longo prazo, ser agressor/a e/ou vítima de violência entre parceiros íntimos (Colman & Widomb, 2004; Navarro et al., 2022). Além disso, a exposição a EAI pode resultar em atrasos significativos no desenvolvimento, menor nível de escolaridade, problemas sociais e emocionais (Campos et al., 2019), consumo de substâncias psicoativas (Allen & Donkin, 2015), perturbação por uso de substâncias (Dube et al., 2010), perturbações alimentares (Williamson et al., 2002), comportamentos autolesivos (Felitti & Anda, 2010; McLaughlin et al., 2017), esquizofrenia (McLaughlin et al., 2017), depressão e perturbações de ansiedade (Choi et al., 2017), doenças crónicas e cardiovasculares na idade adulta (Allen & Donkin, 2015), gravidezes indesejadas na adolescência, contrair doenças sexualmente transmissíveis, cometer violência contra outra pessoa e tentar suicídio (Bellis et al., 2016; Garrido et al., 2018; McGavock & Spratt, 2016).

A exposição a EAI pode assentar numa transmissão intergeracional, ou seja, as crianças mais expostas a este tipo de experiências provêm de contexto familiares em que há uma grande probabilidade de os seus pais também terem vivenciado EAI (Allen & Donkin, 2015). Schickedanz et al. (2018), reforçam esta ideia, ao verificar que os pais que sofreram quatro ou mais EAI têm maior probabilidade de ter filhos/as diagnosticados com problemas comportamentais e de saúde mental. Schütze et al. (2020), num estudo que envolveu 533 mulheres adultas, das quais 159 foram vítimas de algum tipo de EAI, encontraram uma associação significativa entre a EAI, em particular o abuso sexual e emocional, e uma baixa qualidade dos relacionamentos amorosos na idade adulta, reportando ser menos felizes e ter um maior número de conflitos nos relacionamentos amorosos do que as mulheres que não

viveram EAI (Schütze et al., 2020). Os problemas referidos pelas participantes com EAI foram dificuldades de regulação emocional, dificuldade em confiar no seu parceiro e em demonstrar afeto (Schütze et al., 2020). Além disso, estas mulheres referiram que conversam pouco com o seu parceiro sobre os problemas e encontram menos soluções para estes (Schütze et al., 2020). Estes dados são convergentes com os estudos de Wheeler et al. (2019) e de Friesen et al. (2010) que, para além da instabilidade e da insatisfação nos relacionamentos amorosos, verificaram que os/as participantes que passaram por EAI estavam mais expostos/as à violência por parte do/a parceiro/a íntimo/a (Friesen et al., 2010). O abuso infantil também tem sido associado a dificuldades em desenvolver relações de confiança, medo nas relações de intimidade, tendência ao isolamento e problemas sexuais durante a idade adulta (Wells, 2016).

Colman e Widomb (2004), com base num estudo prospetivo que integrou uma amostra de 1.196 participantes que foram vítimas de maus-tratos na infância, verificaram que estes/as apresentaram taxas significativamente mais altas de divórcio ou separação comparativamente aos/às adultos/as que não experienciaram nenhuma adversidade na infância (Colman & Widomb, 2004). Neste estudo foi possível concluir, ainda, que a exposição a conflitos ou à violência interparental pode conduzir a uma perceção de insegurança dentro do contexto familiar (Colman & Widomb, 2004). Tal favorece que os indivíduos desenvolvam padrões de vinculação tendencialmente inseguros, o que leva à construção de representações ou modelos negativos sobre si mesmos, sobre os outros e sobre as relações no geral, que podem explicar as dificuldades interpessoais, nomeadamente ao nível da intimidade (Colman & Widomb, 2004). DiLillo et al. (2009) realizaram um estudo com 202 casais recém-casados que relataram experiências de maus-tratos infantis (violência física, sexual e psicológica e negligência), cujo funcionamento conjugal foi avaliado em três momentos ao longo de um período de dois anos. Neste estudo verificou-se que os homens e as mulheres que tinham sido vítimas de violência física e psicológica e de negligência na infância e adolescência apresentavam uma baixa satisfação conjugal, com alguns/as a tornarem-se adultos/as violentos/as com os/as seus/suas parceiros/as (DiLillo et al., 2009).

A exposição ao perigo e/ou ao risco tem maior incidência em famílias multidesafiadas, isto é, que enfrentam a conjugação de múltiplas exigências (e.g., dificuldades económicas, desemprego, contexto socioeconómico desfavorecido) sem que identifiquem recursos que lhes permitam ultrapassar esses desafios (Alarcão, 2006; Correia & Sequeira, 2011; Sousa & Eusébio, 2005). Assim, é da competência das entidades na área da infância e juventude intervir quando há suspeita de que não estão asseguradas as condições necessárias para o crescimento e desenvolvimento das crianças e jovens no seu contexto familiar (ISS, 2023).

1.3. Acolhimento residencial: conceptualização e enquadramento legal

A prevenção, identificação e intervenção em situações de maus-tratos das crianças e jovens são da responsabilidade da comunidade em geral e do Estado, existindo enquadramento legislativo que visa proteger as crianças e jovens em perigo (ISS, 2023). De acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), Decreto-Lei n.º 147/99 de 1 de setembro, a intervenção para a promoção dos direitos e proteção das crianças e dos jovens em perigo ocorre quando os pais, o representante legal ou quem detém a guarda coloque em perigo a saúde, formação, segurança, educação ou desenvolvimento da criança ou jovem (Art.º 3º do Decreto-Lei n.º 147/99).

Considera-se que a criança ou o/a jovem está em perigo quando se encontra numa das seguintes situações (Art.º 3, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 147/99):

- a) Está abandonada ou vive entregue a si própria;
- b) Sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;
- c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;
- d) Está nos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais;
- e) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;
- f) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;
- g) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação;
- h) Tem nacionalidade estrangeira e está acolhida em instituição pública, cooperativa, social ou privada com acordo de cooperação com o Estado, sem autorização de residência em território nacional.

Quando se confirma que os/as jovens se encontram numa das situações acima referidas, é ativada uma medida de promoção e proteção, sendo uma das possibilidades consignadas na lei, o acolhimento residencial (Artigo n.º 35 do Decreto-Lei n.º 147/99), em que a criança ou jovem fica “(...) aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral” (Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 147/99, p. 18). Esta colocação pode resultar de uma medida planeada ou de uma situação de urgência (Art.º 13º do Decreto-Lei n.º 164/2019), sendo considerada como última opção, visto que devem ser privilegiadas as ações

junto da família da criança/jovem, seja a família nuclear, a família alargada ou mesmo um adulto que seja significativo para a criança ou jovem (Decreto-Lei n.º 147/99).

O acolhimento residencial é destinado a crianças e jovens até aos 18 anos que se encontrem em situação de perigo, a quem a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou o Tribunal tenha aplicado a medida de promoção e proteção de acolhimento residencial (ISS, 2023). As casas de acolhimento residencial são, então, estabelecimentos de apoio social que garantem resposta a situações que impliquem a separação ou retirada da criança ou do/a jovem da situação de perigo (ISS, 2023) e podem incluir unidades residenciais e/ou unidades residenciais especializadas, tendo em conta as problemáticas, situações e particularidades específicas das crianças e dos/as jovens em causa (Decreto-Lei n.º 147/99).

O acolhimento residencial tem como objetivos proporcionar à criança ou jovem: a satisfação das suas necessidades físicas, psíquicas, educacionais, emocionais e sociais; a criação de laços afetivos, estáveis e seguros, que são fundamentais para a estruturação e desenvolvimento consonante da sua personalidade; redução do dano emocional decorrente da exposição da criança ou do/a jovem a situações de perigo; desenvolvimento de competências que garantam valorização pessoal, social, profissional e escolar; condições que proporcionem a construção da sua identidade e integração da sua história de vida; obtenção gradual de autonomia com vista a uma completa integração comunitária, social, profissional e escolar; e por fim, promover a obtenção e reforço das competências dos pais e mães e/ou das pessoas que exercem as responsabilidades parentais para que consigam, com qualidade, exercê-las com base no princípio do superior interesse da criança ou do/a jovem (Art. 3.º do Decreto-Lei n.º 164/2019).

Relativamente ao número de crianças e jovens que se encontram no sistema de acolhimento, o mais recente relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens, realizado pelo Instituto de Segurança Social (2023), revela que, a 1 de novembro de 2022, estavam 6.347 crianças e jovens integrados no sistema de acolhimento, sendo que a maioria, ou seja, 3.651 crianças e jovens se encontravam em casas de acolhimento residencial (84%) (ISS, 2023). A maior parte destas crianças e jovens são do sexo masculino (52%), sendo 65% adolescentes e jovens adultos, entre os 12 e os 20 anos (ISS, 2023).

No ano de 2022 foram reportadas 14.139 situações de perigo que estiveram na origem do acolhimento (ISS, 2023). Destas, 9.739 crianças e jovens foram vítimas de negligência, por falta de supervisão e acompanhamento familiar, sendo esta a principal situação de perigo identificada (69%) (ISS, 2023). Identificaram-se 1.698 crianças e jovens em “outras situações de perigo”, como a ausência temporária de suporte familiar, o comportamento desviante e o

abandono (ISS, 2023). Por fim, registaram-se 1.559 crianças e jovens como vítimas de maus-tratos físicos, psicológicos e de violência sexual (ISS, 2023).

Carvalho e Manita (2010) realizaram um estudo com nove crianças em acolhimento residencial, com o objetivo de compreender as percepções destas sobre a vivência de acolhimento residencial, desde o seu funcionamento até ao estabelecimento de relações em contexto institucional e participação nas decisões e definição do projeto de vida. Os resultados obtidos revelam uma experiência negativa do processo de entrada na instituição, marcada por sentimentos de medo, angústia e tristeza (Carvalho & Manita, 2010). Porém, é reportado que, depois de um período de adaptação inicial, emerge uma percepção positiva por parte das crianças relativamente à vida na instituição e uma valorização positiva da instituição enquanto casa que os acolhe. As autoras reportam a manifestação, por parte destas crianças, do desejo de regresso a casa, que, no entanto, é regulado pela consciência de que têm de acontecer alterações ao nível pessoal e familiar para que esse regresso seja exequível e não as coloque de novo em situação de risco ou perigo (Carvalho & Manita, 2010).

Drapeau et al. (2007), num estudo qualitativo realizado com 12 adolescentes em acolhimento residencial, concluíram que a qualidade da ligação destes/as com adultos/as significativos/as no processo de acolhimento parece contribuir para o desenvolvimento de mais resiliência. Os autores destacam que estes/as jovens considerados/as resilientes em vários domínios, apresentam uma percepção de maior autoeficácia, mais afastamento do risco e novas trajetórias de vida (Drapeau et al., 2007). Arpini (2003) também realizou estudos com adolescentes em acolhimento residencial cujas narrativas de vivência institucional a descrevem como o melhor período das suas vidas, e um meio privilegiado para a criação de laços afetivos que se conservaram ao sair da casa de acolhimento.

1.4. Narrativas dos/as jovens em acolhimento residencial relativamente à conjugalidade e família

Os relacionamentos amorosos são uma dimensão normativa da adolescência (Christopher et al., 2015). Durante este período, os/as adolescentes aprendem padrões e desenvolvem habilidades pró-sociais que são importantes em relações de intimidade, como o namoro (Christopher et al., 2015). No início da adolescência, os/as jovens refletem sobre a forma como um relacionamento amoroso pode afetar a sua posição no grupo de pares (Bouchev & Furman, 2003; Papalia & Martorell, 2021). Com o passar dos anos, a maioria dos/as jovens tem pelo menos um/a parceiro/a exclusivo/a e pode permanecer numa relação de vários meses a cerca de um ano (Papalia & Martorell, 2021). Por volta dos 16 anos, os/as adolescentes

passam mais tempo com os/as parceiros/as amorosos do que com os pais, amigos ou irmãos (Bouchey & Furman, 2003; Papalia & Martorell, 2021). No início da vida adulta, os relacionamentos amorosos começam a assegurar as necessidades emocionais dos/as jovens e é nesta fase que os relacionamentos se tornam relativamente mais duradouros (Papalia & Martorell, 2021). O casamento e relacionamento amoroso dos pais pode servir como modelo para os seus/suas filhos/as, podendo afetar a qualidade do relacionamento amoroso do/a jovem (Papalia & Martorell, 2021). Por sua vez, o grupo de pares configura o contexto para a maioria dos relacionamentos amorosos dos/as jovens e pode ter influência na escolha do/a parceiro/a e na forma como o relacionamento se desenvolve (Bouchey & Furman, 2003; Papalia & Martorell, 2021).

Atualmente, existem diferentes tipos de configurações relacionais entre os/as adolescentes que são pautados pela flexibilização de normas e regras, pela autossatisfação, pela autorrealização, pela vivência do momento, pela liberdade e por um maior pragmatismo (Chaves, 2010). Há alguns anos atrás, era comum os/as jovens pensarem em casar e constituir família muito cedo, porém, ao longo dos anos, isto têm vindo a mudar (Moreira et al., 2021; Papalia & Martorell, 2021). Hoje em dia, os/as jovens estão mais focados em adquirir habilitações literárias, estabelecer e desenvolver uma carreira profissional ou um projeto pessoal e, por vezes, assumir uma relação estável pode ser percebido como um impasse para atingirem os seus objetivos (Moreira et al., 2021; Papalia & Martorell, 2021).

Forenza et al. (2018) realizaram um estudo qualitativo com 16 jovens entre os 19 e os 21 anos que estiveram em casas de acolhimento, com o objetivo de compreender as suas perceções sobre os relacionamentos ideais, as experiências de relacionamentos amorosos e as mensagens que estes gostariam de transmitir às futuras gerações. Os autores realizaram grupos focais para compreender as perceções dos/as jovens sobre relacionamentos de namoro saudáveis e não saudáveis tendo por base a teoria da aprendizagem social (Forenza et al., 2018). Todos os/as participantes enfatizaram a importância de uma boa comunicação e do respeito para que um relacionamento seja considerado saudável (Forenza et al., 2018). No entanto, sobre as suas próprias experiências relacionais, a maioria dos/as participantes identificou dificuldades ao nível da comunicação e a opção pela rutura da relação, em vez do recurso a estratégias de resolução das dificuldades (Forenza et al., 2018). Alguns/as participantes mencionaram que a identificação das suas dificuldades na comunicação em relacionamentos passados pode permitir melhorar os padrões de comunicação em relacionamentos futuros (Forenza et al., 2018). Como mensagens que gostariam de transmitir às futuras gerações, alguns/as participantes reportaram destacar que a violência no namoro é um aspeto negativo

dos relacionamentos que devia ser mais abordada e explorada, para a prevenção desta problemática (Forenza et al., 2018).

Refaeli et al. (2022) pretenderam perceber se o acolhimento, os eventos traumáticos, o apoio parental e outras características pessoais estariam associados à satisfação nas relações íntimas e na parentalidade numa amostra de 152 jovens adultos/as que tinham saído do sistema de acolhimento dez anos antes. Os autores verificaram que perto dos 20 anos, 74.3% da amostra era casada ou tinha relacionamentos amorosos estáveis e 40.1% já tinha filhos (Refaeli et al., 2022). Apuraram ainda, que a perceção de um relacionamento positivo com os pais/cuidadores estava associada a uma maior satisfação nos relacionamentos amorosos que, por sua vez, se relacionava com uma maior satisfação na parentalidade (Refaeli et al., 2022). Por outro lado, os/as jovens adultos/as que referiram terem experienciado eventos mais traumáticos antes e depois dos 18 anos reportaram uma menor satisfação nos relacionamentos amorosos e na parentalidade, sobretudo os homens (Refaeli et al., 2022). Por sua vez, Katz et al. (2020), num estudo quantitativo e longitudinal com 602 jovens entre os 23 e 24 anos, onde se pretendia explorar o impacto de fatores demográficos, individuais, familiares e do sistema de acolhimento no envolvimento da violência entre parceiros íntimos em adultos/as que estiveram em acolhimento residencial, verificaram que aproximadamente 21% dos/as participantes estiveram envolvidos/as em algum tipo de violência entre parceiros íntimos aos 23/24 anos, sendo a violência bidirecional a forma mais comum (Katz et al., 2020). Os/as jovens adultos/as que estiveram expostos/as a violência entre os/as seus/suas pais/cuidadores(as) antes do acolhimento residencial tendiam a não ter nenhum relacionamento ou a ter um relacionamento violento, sendo vítimas e/ou agressores/as (Katz et al., 2020). Os/as jovens adultos que foram vítimas de negligência por parte dos/as pais/cuidadores(as) tendiam a ser vítimas de violência por parte do/a seu/sua parceiro/a, embora admitissem ser, também, violentos/as nas suas relações amorosas (Katz et al., 2020).

É assim expectável que a “bagagem” dos indivíduos que experienciaram adversidades durante a sua infância ou adolescência possa influenciar as suas relações futuras, principalmente ao nível do conflito, da satisfação e da qualidade conjugal, especialmente quando essas experiências se caracterizam por abusos sexuais ou quando ocorrem no contexto familiar (Dunlop et al., 2015). De ressaltar que a própria experiência de acolhimento pode ser ou tornar-se um evento adverso na vida dos/as jovens (Campos et al., 2019).

A família, enquanto primeiro e primordial contexto de vida da criança assegura oportunidades de aprendizagem e um quadro de referências, representações e expectativas, que a criança vai (re)produzir e desenvolver, tendo um “papel determinante na interpretação que a

criança faz acerca do que se passa à sua volta, nas expectativas que constrói face aos outros e às situações sociais e, muito provavelmente, na forma como interage socialmente” (Cruz et al., 2010, p.28).

Ie (2022), numa investigação com 14 jovens espanhóis (sete rapazes e sete raparigas) entre os 10 e os 22 anos, em acolhimento residencial, envolvendo entrevistas semiestruturadas, fotos, desenhos e mapa de redes sociais, concluiu que a maioria dos/as participantes atribuiu significados à família tendo como referência as práticas comportamentais e as expressões de afeto. Os/as jovens revelaram que só consideram um ambiente como familiar quando são valorizados/as e apreciados/as pelos seus membros (Ie, 2022). Para estes/as jovens, a família deve ter em conta e suprir as suas necessidades físicas, sociais, intelectuais, identitárias e emocionais, devem amar e ser amados nas relações com os vários membros da família, destacando estes aspetos emocionais como naturais e essenciais no “ser família”. Os/as participantes referiram que os membros da família biológica podem perder o estatuto de família se não derem o apoio necessário e se o contacto se tornar pouco frequente (Ie, 2022). Quando questionados/as sobre o que é ser família e o que leva a que exista um bom ambiente familiar, os/as jovens referiram o ter férias em conjunto e celebrar várias ocasiões importantes, como o aniversário e outros tipos de eventos familiares, como o que constrói e mantém a identidade familiar (Ie, 2022). Estes/as participantes referiram que os/as técnicos/as da casa de acolhimento são família, por suprirem as suas necessidades, sobretudo por providenciarem o afeto e a atenção que praticamente nunca tiveram no passado (Ie, 2022). Por fim, seis jovens referiram que os laços familiares sanguíneos e genéticos proporcionaram o desejo de continuarem a relacionar-se com a sua família biológica, independentemente da forma como esta os tratou (Ie, 2022).

A investigação sobre as narrativas dos/as adolescentes em acolhimento residencial sobre o que é ser família e casal é escassa, havendo apenas alguns estudos com jovens que estiveram ou estão em situação de acolhimento residencial sobre a forma como estes/as percebem e ambicionam os relacionamentos e/ou a conjugalidade e a família e estudos sobre as suas próprias experiências de família e de namoro, como já apresentado anteriormente. Conhecer as narrativas e as expectativas dos/as jovens em acolhimento residencial sobre temáticas como o namoro/conjugalidade e família, é de suma importância por vários motivos. Em primeiro lugar, sabe-se que os/as jovens com uma medida de acolhimento residencial frequentemente têm experiências de adversidade precoces nos seus contextos familiares, o que pode influenciar as suas perceções sobre relacionamentos e família. Assim sendo, compreender as perspetivas destes/as jovens pode fornecer conhecimento sobre as suas necessidades,

interesses e preocupações, permitindo o desenvolvimento de programas e/ou intervenções mais eficazes e sustentadas, de forma a auxiliá-los/as na construção de relacionamentos saudáveis no futuro. Ao envolver os/as jovens neste estudo, irá ser reconhecida a importância das suas opiniões e das suas expectativas, promovendo a sua valorização, mas também a possibilidade de reflexão pessoal. Este estudo, para além de contribuir para a escassez teórica e empírica sobre estas temáticas, pode fornecer dados que orientem a elaboração de programas e/ou intervenções mais específicas com vista à construção de um projeto de vida mais viável e sustentado para estes/as jovens.

II. Objetivos

Este estudo tem como objetivo principal analisar e compreender os significados atribuídos pelos/as jovens em acolhimento residencial acerca do conceito de família e de namoro/conjugalidade, sem imposição prévia de significados por parte da investigadora, ou seja, sem a utilização de hipóteses e variáveis pré-concebidas (Willig, 2013).

Foram estabelecidos como objetivos específicos: (1) identificar as narrativas dos/as jovens em acolhimento residencial sobre o que é ser família; (2) identificar as representações, atitudes, expectativas e motivações dos/as jovens em acolhimento residencial relativas à conjugalidade e (3) analisar as expectativas destes/as jovens sobre uma futura relação conjugal e constituição de um núcleo familiar.

III. Metodologia

3.1. Desenho da Investigação

Tendo em conta a escassez de investigação nesta temática, o estudo caracteriza-se por uma abordagem exploratória, de cariz qualitativo, que permitirá recolher de forma mais aprofundada as narrativas e perspetivas dos/as participantes (Willig, 2013).

A metodologia assenta numa pesquisa aberta e indutiva, com o objetivo de aceder a informação que reflita a multiplicidade de interpretações que podem ser construídas sobre a temática em estudo (Willig, 2013). Assim, define-se por uma abordagem pós-positivista, alicerçada no construcionismo social, que assume que os dados recolhidos provêm de perceções e atribuições de sentido das vivências individuais. Ou seja, esta abordagem defende que a realidade é socialmente construída e, portanto, subjetiva, sendo o reflexo de um conjunto de representações e valores (Willig, 2013). O presente estudo é de natureza transversal, baseado em dados recolhidos num único ponto no tempo, ou seja, no aqui e no agora (Wang & Cheng, 2020), não existindo um acompanhamento prospetivo ou retrospectivo.

3.2. Participantes

Para a participação neste estudo era requerido que os/as participantes tivessem pelo menos 16 anos e estivessem em acolhimento residencial na Região Autónoma da Madeira (RAM) no âmbito de medida de promoção e proteção (critérios de inclusão). Como critérios de exclusão, foram definidos: os/as jovens terem diagnóstico de perturbações de neurodesenvolvimento, espectros da esquizofrenia e outras perturbações psicóticas, perturbação bipolar, perturbações disruptivas, do controlo de impulsos e da conduta e perturbações neurocognitivas (American Psychiatric Association, 2014).

Assim, a amostra é constituída por oito jovens, cinco do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos ($M= 17$ anos, $DP= 1.60$) encontrando-se todos a estudar. Todos os/as participantes são naturais do arquipélago da Madeira, e o intervalo temporal em acolhimento residencial varia entre os 2 meses e os 12 anos (Tabela 1).

Tabela 1*Caracterização sociodemográfica dos/as participantes*

Nome*	Género	Idade	Situação Profissional	Tempo de acolhimento	Motivo do acolhimento	Pessoas importantes e que mantém contacto
Afonso	Masculino	16	Estudante	7 meses	Violência Doméstica	Amigos
Alice	Feminino	16	Estudante	4 meses	Problemas económicos e comportamentos desadequados	Mãe, irmãos e sobrinhos
Beatriz	Feminino	19	Estudante	3 anos	Vontade própria em abandonar a sua casa	Mãe e amigas
Clara	Feminino	16	Estudante	7 anos e 6 meses	Faltar muito às aulas e não ter uma boa relação com a mãe.	Pai, mãe, tios e padrinhos
João	Masculino	20	Estudante	6 anos	Conflitos familiares	Tia/madrinha e mãe
Kiara	Feminino	16	Estudante	2 anos	Violência Doméstica	Pai e irmãos
Maria	Feminino	17	Estudante	12 anos	Discussões e pais consumiam álcool	Pai, madrinha, irmãos, namorada e alguns técnicos da casa de acolhimento
Pedro	Masculino	16	Estudante	9 meses	Faltar às aulas e suspeita de tráfico de droga	Pai, mãe e avó

* Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos/as jovens.

3.3. Instrumentos

Para o presente estudo foi desenvolvida uma ficha de dados sociodemográficos e um guião de entrevista semiestruturada (cf. Apêndice VI). A ficha de dados sociodemográficos teve como objetivo recolher informação sobre idade, sexo, escolaridade, motivo e tempo de vivência na casa de acolhimento, indicação das pessoas mais significativas na vida do/a jovem e o tipo de contacto que mantêm com essas pessoas. O guião de entrevista teve por base a revisão da literatura e um exercício de *brainstorming* inicial de todas as questões consideradas relevantes para a equipa de investigação. Essas questões foram revistas e agrupadas por dimensões (e.g., definição e características das relações de namoro/conjugalidade e de família e expetativas em

relação ao futuro sobre estas temáticas, entre outros), resultando na versão final do guião. O guião de entrevista é organizado em três secções, num total de 22 questões (cf. Apêndice VI).

3.4. Procedimento de Recolha de Dados

Os dados foram recolhidos numa casa de acolhimento residencial na RAM, local onde foi realizada uma prática supervisionada no âmbito do estágio curricular.

Num primeiro momento, foi elaborado o questionário sociodemográfico, o guião de entrevista semiestruturada e os formulários do consentimento informado - para a direção da casa de acolhimento residencial da RAM (cf. Apêndice III), para os pais/representantes legais dos/as jovens (cf. Apêndice IV) e do assentimento informado para os/as jovens (cf. Apêndice V). Submeteu-se o projeto de investigação ao Encarregado de Proteção de Dados da Universidade da Madeira que deu parecer positivo, após o qual se solicitou autorização formal ao Instituto de Segurança Social da Madeira, entidade que rege a casa de acolhimento residencial. De seguida, pediu-se autorização à direção da casa de acolhimento residencial. Obtidas as devidas autorizações, submeteu-se o projeto à Comissão de Ética da Universidade da Madeira (parecer n.º P95). Após a aprovação por esta entidade, foi realizada uma triagem, com os técnicos da casa de acolhimento, dos/as jovens dos critérios de inclusão e exclusão. Foi solicitada autorização aos pais/representantes legais dos/as jovens selecionados previamente. Posteriormente, a investigadora responsável pelo estudo reuniu individual e presencialmente com cada jovem que aceitou colaborar, com o objetivo de o/a esclarecer detalhadamente sobre as condições éticas e as informações essenciais sobre o estudo, e agendar o dia e a hora para a realização da entrevista. Nesta fase, era solicitado ao/à jovem o seu assentimento formal. Não foi dada qualquer tipo de recompensa monetária ou material aos participantes. Esta investigação regeu-se pelo código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), especificamente os princípios: pela dignidade e direitos das pessoas, responsabilidade, competência, beneficência e da não maleficência e integridade. Concretamente, foi assegurada a participação totalmente informada dos/as participantes, através do assentimento/consentimento informado (cf. Apêndice V). Foi dada aos/às participantes a possibilidade de desistirem a qualquer momento, sem qualquer penalização, e assegurada a total confidencialidade das informações partilhadas. Foi, ainda, garantido o seu anonimato (OPP, 2021).

As entrevistas foram realizadas individual e presencialmente, a partir do guião de entrevista semiestruturada. Com a autorização dos/as participantes, as entrevistas foram gravadas em registo áudio. Tiveram uma duração média de 23 minutos e 12 segundos, sendo a

mais longa de 39 minutos e 52 segundos e a mais curta de 12 minutos e 25 segundos. As entrevistas decorreram de dezembro a fevereiro.

3.5. Procedimentos de Análise de Dados

Numa primeira fase, as entrevistas foram transcritas literalmente, englobando também características não linguísticas do discurso como as pausas, prolongamentos de som e expressões faciais, e posteriormente foram analisadas tendo em conta os seis passos da análise temática de Braun e Clarke (2006) e a Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) que pretende investigar, descrever, contextualizar e interpretar os significados que os/as participantes atribuem às suas vivências (Smith et al., 2009) resultando na agregação da informação em diversas dimensões (Smith, 2011).

De acordo com Braun e Clarke (2006), a análise temática deve ser elaborada tendo em conta seis fases: a) familiarização com os dados, que consiste na transcrição dos dados, relendo-os e anotando as ideias iniciais; b) gerar codificações iniciais das características fundamentais dos dados de forma sistemática, reunindo a informação relevante para cada código; c) identificar categorias, agrupando códigos em possíveis categorias, reunindo a informação relevante para cada uma delas; d) revisão das categorias, que envolve dois níveis: o primeiro consiste na revisão dos excertos codificados e o segundo envolve o refinamento dessas categorias, sendo fundamental reler o conjunto de dados e verificar se as categorias traduzem adequadamente o conjunto de dados ou se é necessário (re)codificar; e) definição e denominação das categorias, onde ocorre uma análise contínua para aprimorar as especificidades de cada tema e a história geral que a análise conta, gerando definições e nomes claros para cada tema; f) por fim, a produção do relatório, através da seleção de exemplos de excertos vívidos e convincentes e análise final dos excertos selecionados, relacionando a análise com a questão de investigação e com a literatura (Braun & Clarke, 2006).

Por sua vez, a AFI possibilita uma análise minuciosa da forma como os sujeitos constroem um sentido para o seu mundo pessoal e social e dos significados que atribuem às suas experiências e acontecimentos de vida (Smith, 1996; Smith, 2011; Smith & Osborn, 2008). Este tipo de análise parte do pressuposto de que há uma ligação entre o que o indivíduo, enquanto ser cognitivo, linguístico, afetivo e físico, transmite e o seu pensamento e estado emocional (Smith, 2011). Deste modo, o trabalho do/a investigador/a terá que passar inevitavelmente por uma interpretação do que é narrado (Smith, 1996). O método de investigação é encarado de forma dinâmica, sendo reconhecido um papel ativo ao/à

investigador/a que se encontra envolvido/a no processo de interpretação com dois níveis ou dupla hermenêutica: os/as participantes estão a tentar produzir um sentido para o seu mundo e o/a investigador/a está a tentar construir um sentido para essa construção (Coutinho, 2011; Guba & Lincoln, 2004; Smith, 2011; Smith & Osborn, 2008). Trata-se de uma abordagem fenomenológica, na medida em que recai numa análise das experiências pessoais, partindo das perceções dos indivíduos narradas na primeira pessoa, procurando conhecer os significados psicológicos que compõem o fenómeno, investigando e examinando vivências no contexto de vida dos/as participantes sem a presunção de ideias preestabelecidas (Smith, 1996; Smith, 2011; Smith & Osborn, 2008). Além disso, a AFI acolhe também influências do interacionismo simbólico, ao preocupar-se com o modo como os/as participantes produzem os significados num mundo que é, ao mesmo tempo, individual e social (Smith, 1996; Smith & Osborn, 2008).

Para esta investigação, recorreu-se a análise temática e a AFI, visto que se complementam na análise e compreensão dos dados recolhidos. Numa fase inicial, as seis etapas do modelo de Braun e Clarke (2006) permitiram realizar uma codificação dos dados obtidos e estabelecer as diversas dimensões da informação recolhida, elaborando árvores de palavras. Ao longo de toda a análise de dados, estes foram analisados e manuseados tendo em conta os pressupostos da AFI. Ou seja, a análise da investigadora principal recaiu sobre as experiências pessoais de cada participante, partindo das perceções dos/as mesmos/as contadas na primeira pessoa, procurando conhecer os significados que compõem os fenómenos em estudo, examinando as vivências no contexto de vida dos/as participantes sem a presunção de ideias preestabelecidas.

IV. Resultados

Da análise de dados realizada resultou um conjunto de dimensões sistematizadas nas árvores de palavras representadas nas Figuras 1 e 2. São destacadas no corpo de texto as dimensões mais relevantes, sendo que para cada uma será indicado, entre parênteses, o número total de participantes em que a mesma surgiu. Algumas dimensões são ilustradas com excertos textuais das entrevistas, devidamente identificados (i.e., seguem-se às citações, entre parênteses, o nome fictício do participante e a sua idade; e.g., [João, 20 anos]) e, em alguns casos, é dada uma breve definição ou esclarecimento. A apresentação dos resultados está organizada por três dimensões principais, nomeadamente, (1) Narrativas sobre o Namoro/Conjugalidade, (2) Narrativas sobre a Família e (3) Expetativas Futuras sobre Namoro e Família.

Importa mencionar que a AFI recomenda a referenciação de dois excertos textuais da entrevista por cada subdimensão apresentada, mas considerando limitações quanto à extensão da dissertação, não foi possível colocar dois excertos textuais em todas as subdimensões apresentadas.

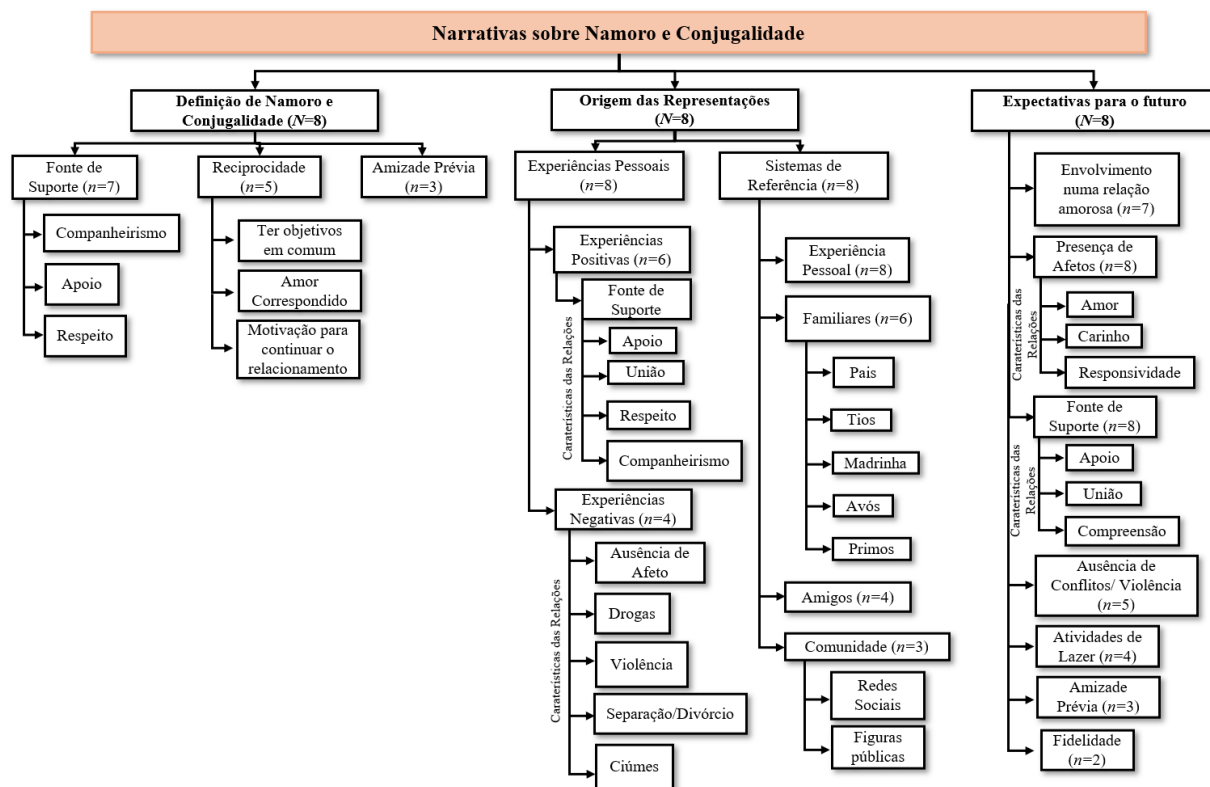
Narrativas sobre o Namoro/Conjugalidade

Ao longo das várias subdimensões das Narrativas sobre o Namoro/Conjugalidade optou-se por integrar os conceitos de namoro e conjugalidade, uma vez que em todas as entrevistas os/as participantes mencionavam os vários aspetos destas configurações relacionais de forma semelhante. Além disso, todos/as os/as jovens referiram que a conjugalidade deve ser uma continuação do namoro, partilhando as mesmas características, devendo existir a sua consolidação ao longo do tempo. Como os/as jovens não fizeram uma distinção clara entre namoro e conjugalidade, considerou-se mais apropriado juntá-las para uma melhor integração das suas narrativas.

Esta dimensão de 1.^a ordem desdobra-se em três de 2.^a ordem, com várias subdimensões cada uma. Ainda foi possível em cada subdimensão de 1.^a ordem estabelecer subdimensões de 2.^a ordem, como é possível verificar na Figura 1.

Figura 1

Árvore de palavras com as dimensões e subdimensões que emergiram dentro das Narrativas sobre Namoro/Conjugalidade



Definição de Namoro/Conjugalidade

Na dimensão Narrativas sobre o Namoro/Conjugalidade, os/as participantes definem estas configurações relacionais como **fonte de suporte** ($n=7$), onde deve predominar o **apoio**, o **respeito** e o **companheirismo** por parte do/a parceiro/a amoroso/a, como referido por Beatriz (19 anos) “eu sei que uma pessoa pode viver bem sozinha, mas ter sempre alguém para lhe ajudar e apoiar é sempre uma mais-valia, alguém que seja companheiro, que esteja ao nosso lado para o que der e vier”. O namoro/conjugalidade é uma configuração relacional onde é esperado haver **reciprocidade** ($n=5$), seja no sentimento que ambos nutrem um pelo outro, num **amor correspondido**, seja no estabelecimento de **objetivos em comum**, como partilha Maria (17 anos), “as pessoas que namoram têm de gostar uma da outra (...) também tem que haver objetivos conjuntos, se os dois não têm os mesmos objetivos, acho que não vai dar certo”. Alguns dos/as participantes também caracterizam namoro/conjugalidade associando-os à amizade, referindo a importância de existir uma **amizade prévia** ($n=3$), de forma a estabelecer

um sentimento mútuo mais sólido, que evolua de forma ponderada, como relata João (20 anos) “namorar, para mim, significa acima de tudo uma amizade, esta que é importante antes de começar qualquer namoro, porque, para mim, sem amizade, não existe namoro (risos). É uma forma de evoluir na relação para algo mais sério e, se existir amizade, é mais fácil para evoluir para namoro”.

Origem das representações sobre o Namoro/Conjugalidade

Quanto à origem das representações dos/as jovens sobre o que é namoro/conjugalidade e as características destas relações, os/as participantes remetem para as suas **experiências pessoais** ($n=8$), ou seja, a vivência das suas próprias relações amorosas e/ou através da observação dos relacionamentos dos seus vários **sistemas de referência**, como a família de origem, família alargada, amigos, redes sociais, entre outros. Estas experiências permitiram que os/as jovens vivenciassem e/ou observassem várias características de uma relação de namoro/conjugalidade, influenciando a sua visão sobre este tipo de relacionamentos e também as suas expectativas pessoais para o presente e o futuro. Relativamente a **experiências positivas** ($n=6$), os/as participantes referem ter vivido ou presenciado relacionamentos que se constituíam como **fonte de suporte, apoio, união, respeito e companheirismo**, como é ilustrado por uma das participantes “os meus pais respeitam-se um ao outro e ajudam-se. Quando a minha mãe está mal, o meu pai ajuda, quando o meu pai está mal, a minha mãe ajuda-lhe, leva-lhe ao médico e vice-versa, o meu pai leva-lhe ao médico. É ajudar-se um ao outro, quando um precisa, o outro ajuda, simultaneamente” (Clara, 16 anos).

No que diz respeito a **experiências negativas** ($n=4$) com influência na forma como estes/as jovens descrevem e vivem as relações amorosas, os/as participantes referem que presenciaram e/ou vivenciaram relacionamentos marcados pela **falta de afetividade**, existindo por vezes **ciúmes, violência** e até consumo de **drogas** por parte de um dos parceiros, como referido pela Alice (16 anos) “o pai dos meus irmãos era obcecado em droga e, numa altura maltratava a minha mãe, e o meu pai era obcecado na minha mãe e ele não queria saber tipo de mim, houve muita violência, o que não quero que aconteça nas minhas relações”. Uma das jovens reporta o **divórcio/separação** dos pais como uma experiência negativa marcante na sua vida, pelo facto de ter crescido com pais separados, “não penso em casar, porque sempre aparece o divórcio (risos), eu cresci com pais separados e isso foi muito difícil. Por isso, eu não acho que pessoas casadas sejam para mim tipo um *goal* [objetivo], tipo uma coisa que eu queira, eu acho que mais o namoro sim, eu sei que namoros também acabam, mas casados é muito

difícil, ver um casal que já tá desde muito novos até à idade quase velhinhos, é muito raro ver pessoas assim. Por isso, eu não vejo ninguém assim como inspiração para me casar” (Beatriz, 19 anos).

As narrativas dos/as participantes acerca de namoro/conjugalidade remetem para vários **sistemas de referência** ($n=8$) que influenciaram as representações que construíram sobre estas temáticas. Os/as jovens referem o contributo da sua **experiência pessoal** ($n=8$), concretamente a vivência de relações do presente e do passado, o fim de relações passadas e as experiências dolorosas associadas, tal como partilham dois participantes, Pedro (16 anos) “foi, literalmente, os falhanços, tipo com as minhas ex-namoradas, foi os falhanços. Eu via o que aconteceu de mal com uma, eu não vou fazer a mesma coisa com a outra (...) eu aprendia caindo, aprendi caindo e fui me levantando, fui me levantado e aprendendo com a vida”; e Clara (16 anos) “a maneira como eu vejo os relacionamentos tem a ver com as minhas experiências, já tive uma namorada que ela acabou comigo sete vezes e eu, nessas sete vezes, voltava sempre com ela, porque eu gostava dela, mas tipo, houve uma altura que eu cansei, percebi que ela não queria, eu cheguei a abrir os olhos”. A maior parte dos/as jovens relata também a influência dos **familiares** ($n=6$), como a família de origem e a família alargada, na construção e manutenção ou mudança das suas representações e atitudes sobre o namoro/conjugalidade. Os/as participantes mencionaram a importância do modelo conjugal dos **pais** na construção e vivência das suas conjugalidades, mas referindo também outros familiares, nomeadamente **avós, tios e primos**, como ilustra Kiara (16 anos), “os meus avós são um grande exemplo, estiveram juntos tantos anos e ainda havia tanto amor, estiveram juntos na saúde e na doença e, hoje em dia, já não há amores assim e mostraram-me o que deve ser ou não um namoro e casamento”, ou Alice (16 anos) que diz “a relação da minha prima e o namorado dela são um exemplo. Eles são bastantes amigos e acho a relação deles bonita e depois de terem um filho parece que fortaleceu mais o namoro”. Os **amigos** ($n=4$) também são indicados como referência para estes/as jovens na construção e manutenção ou mudança das suas representações sobre o namoro/conjugalidade. Os/as participantes mencionam ainda a influência da **comunidade** ($n=3$), especificamente das **redes sociais** e das **figuras públicas**, tal como partilha João (20 anos) “não tem a ver só com algo que experienciei, eu cheguei a ver muitos famosos que acabaram por não dar certo ou por fama ou alguma coisa do género ou até mesmo devido a algo pessoal, esse tipo de relacionamentos também me ensinam”.

Expectativas para o futuro

Os/as jovens remetem ainda para as expectativas relativas a futuras relações de namoro/conjugalidade ($n=8$). Todos idealizam uma relação onde haja **presença de afetos**, como **amor, carinho e responsividade** ($n=8$), tal como partilhado por Kiara (16 anos) “quero ter alguém que seja companheiro, quero ter uma relação onde exista muitos miminhos, atenção, que eu goste dele, mas que ele também me ame, que tenha os mesmos interesses que eu e no futuro construir uma família”. Estes/as jovens esperam ainda um relacionamento que seja **fonte de suporte** ($n=8$), pautado por **apoio** mútuo para que ambos possam alcançar os objetivos individuais e conjuntos, **união** para superarem os momentos difíceis e celebrarem os bons momentos, e **compreensão**, com base num diálogo constante, como ilustra o seguinte excerto: “acima de tudo, ser uma relação saudável (...) estar lá para a pessoa nos bons e nos maus momentos, apoiar nas suas decisões mesmo que eu não concorde muito, e ter diálogo, para que quando alguma coisa não está a correr muito bem, a gente tem que falar e resolver de forma calma” (Maria, 17 anos). Alguns/as jovens foram vítimas e/ou testemunhas de violência, e realçam a **ausência de violência e/ou conflitos** ($n=5$) como algo primordial nos seus relacionamentos amorosos. Além disso, alguns destes/as jovens realçam novamente o facto de ser importante existir uma **amizade prévia** ($n=3$) a este tipo de relacionamentos, visto que “para mim é importante existir uma amizade antes do namoro, quero ter alguém que antes de ser minha namorada possa ser minha amiga e termos feito já várias coisas juntos como amigos” (João, 20 anos). Realizar **atividades de lazer** ($n=4$) com o/a parceiro/a, e que ambos apreciem, é algo que estes/as jovens desejam para as suas relações, como relata Pedro (16 anos) “eu gostava de, quando eu tiver a carta, de ir buscar ela, onde ela quiser, dar uma volta com ela, ir ver o pôr-do-sol, ir fazer qualquer coisa, fazer algo sem ser no Funchal”. A **fidelidade** ($n=2$) é uma característica fundamental a ter em conta nos relacionamentos amorosos, de forma que ambos possam passar a confiar ainda mais um no outro com o passar do tempo, como consta na partilha deste participante “(...) para mim num casamento e no namoro é importante não haver traições e não estar sempre a mudar de namoradas e ser fiel naquela relação. Se alguém fez algo de errado é importante dizer a outra pessoa, para não se perder a confiança (...)” (Afonso, 16 anos).

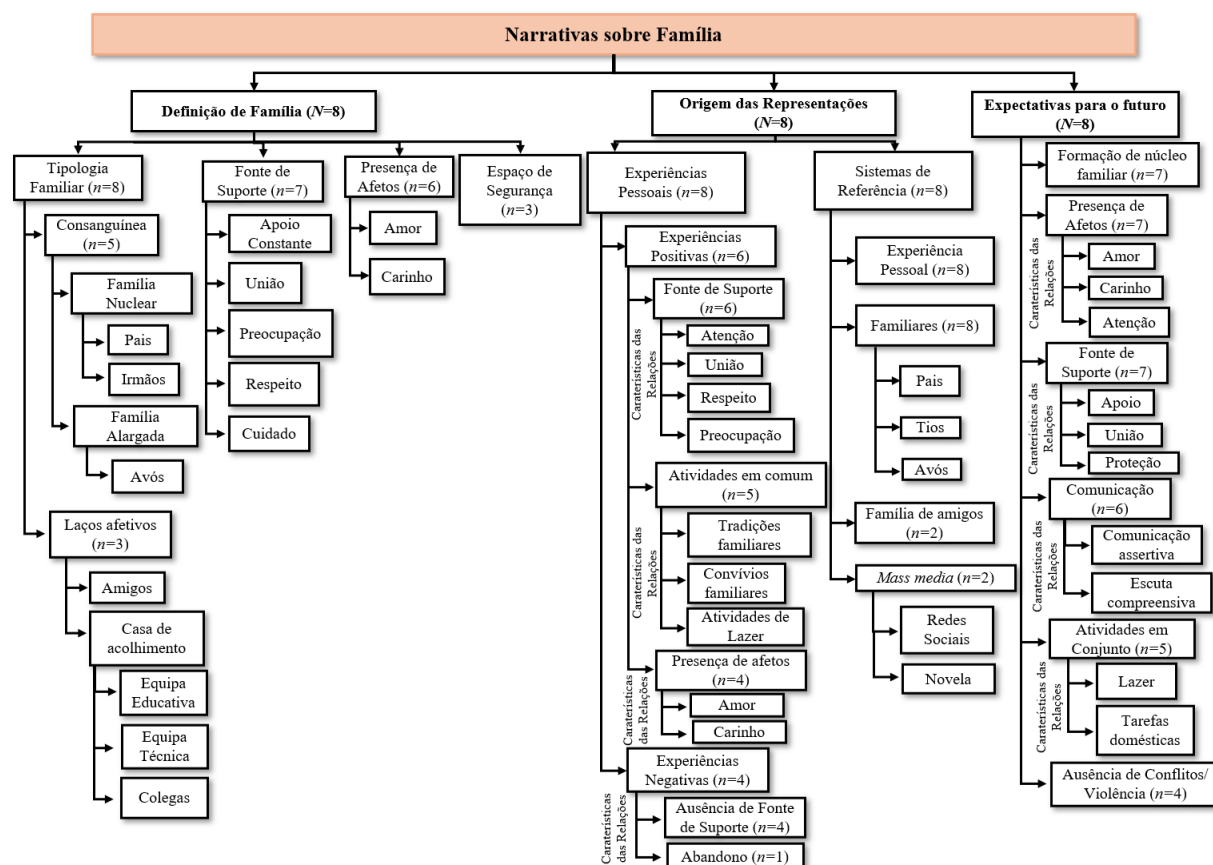
Narrativas sobre Família

As Narrativas sobre a Família caracterizam-se como uma dimensão de 1.^a ordem, desdobrando-se em três de 2.^a ordem, com sete subdimensões no total. Ainda foi possível em

cada subdimensão de 1.^a ordem estabelecer subdimensões de 2.^a ordem, como é possível verificar na Figura 2.

Figura 2

Árvore de palavras com as dimensões e subdimensões que emergiram dentro das Narrativas sobre Família



Definição de Família

Nas temáticas sobre família, os/as participantes ao definirem-na, destacam com grande expressão a **tipologia familiar** (n=8), nomeadamente, a família **consanguínea** (n=5) e os **laços afetivos** (n=3). Como família **consanguínea**, alguns/as jovens referem que a **família nuclear** (n=4) será sempre família, apesar de tudo o que possa acontecer. Um/a dos/as participantes menciona a **família alargada** (n=1), nomeadamente, os avós. Estabelecer **laços afetivos** (n=3) através do apoio e ajuda constantes com alguém é muito importante para essa pessoa ser considerada como parte da família, como é o caso dos **amigos** e da própria **casa de acolhimento**. Para os/as participantes do presente estudo, a família pode ser constituída por pessoas que, mesmo sem relações de sangue, demonstram preocupação e cuidado e que estão

sempre presentes nas suas vidas. São pessoas em quem estes/as jovens podem confiar, como ilustram duas jovens “família não precisa ser de sangue, para mim ser família basta dizer que é aquele que ajuda. Basta um amigo meu me ajudar, que tipo não é um dia só, basta anos (...) assim como esta casa de acolhimento, esta casa é como uma família para mim, tipo basta dar-me apoio e ajuda, basta eu estar no fundo do poço e tipo dar ajuda, é considerado uma família” (Clara, 16 anos); “Quando penso em família, penso em alguém importante, de alguém próximo, alguém que eu possa confiar” (Maria, 17 anos).

A família é também indicada como uma **fonte de suporte** ($n=7$), onde existem pessoas que dão **apoio constante** em vários momentos da vida, demonstram **preocupação e cuidado**, através da sua presença e da sua ajuda nas fases menos boas. A partilha de dois participantes é ilustrativa do que significa a família como **fonte de suporte** “a família deve ajudar, apoiar, deve existir união, na família devemos ser amigos uns para os outros, não virar as costas quando mais precisamos” (Alice, 16 anos); “Acredito que família seja a união, a união de todos e o apoio que dão entre eles” (João, 20 anos). Para a maioria dos/as participantes ($n=6$) é importante existir **união** entre os vários membros de uma família, seja de laços de sangue ou afetivos. Segundo os/as participantes, a **união** também se desenvolve através da partilha de momentos importantes e decisivos com todos os membros da família, como realça Kiara (16 anos) “é importante uma chamada ou uma mensagem no dia dos meus anos ou por exemplo quando saberem que eu passei de ano ou assim, isso mostra que há união e apoio na família”. Ao descreverem família, os/as participantes também mencionam o **respeito** como um elemento fundamental para a aceitação das diferenças e as características específicas de cada um. Os/as jovens realçaram ainda a **presença de afetos** ($n=6$), devendo existir demonstrações de **carinho** e de **amor**, verbais (e.g., elogios, dar bom dia todas as manhãs) e não verbais (e.g., abraçar), como ilustram as seguintes citações, “numa família devem mostrar que realmente gostam de mim e que eu sou importante através de atitudes, dos abraços, dos elogios, das palavras também e é importante pegar nisso e quando tiver a minha própria família incluir isso nela” (Maria, 16 anos); “dar bom dia com um sorriso é uma forma de estar bem em família e demonstrar amor é importante principalmente nas pessoas de quem chamamos família” (Kiara, 16 anos). Por fim, alguns destes/as jovens definem família como um **espaço de segurança** ($n=3$) fundamental para se sentirem acolhidos/as. Ou seja, para estes/as jovens sentirem que têm ou estão numa família, necessitam de ser valorizados/as, bem tratados/as e aceites por todos/as, como reportado por Beatriz (19 anos), “numa família eu devo sentir-me bem, ninguém me vira as costas e despreza, que eu sinta que sou bem-vinda naquela casa e na vida daquela pessoa, e

que ela me aceite como eu sou (...) que na verdade eu possa pertencer aquela família e dar as minhas opiniões”.

Origem das representações sobre Família

Quanto à origem das representações dos/as jovens sobre a definição do que é ser família e das características que devem estar ou não presentes no funcionamento familiar, os/as participantes mencionam o contributo das suas **experiências pessoais** ($n=8$), através das próprias vivências na sua família de origem e/ou alargada e/ou através da observação de vários funcionamentos familiares, como a família dos seus amigos, famílias retratadas nas redes sociais e/ou em novelas, entre outros. Como **experiências positivas** ($n=6$), os/as participantes referiram ter vivido ou presenciado ambientes familiares onde predominava a **união**, onde estes estavam **atentos** às necessidades de cada um, existindo uma **preocupação** constante e **respeito** pelas características e decisões individuais. Desta forma, a família é considerada como uma **fonte de suporte** ($n=6$), tal como evidenciado por uma das participantes “tenho uma família que me apoia, apesar de por vezes eu não lhes dar ouvidos. Mas eles preocupam-se comigo, chamam a minha atenção quando é preciso e sobretudo aceitam quem eu sou, eles aceitaram eu ser de uma orientação sexual diferente. Eu por vezes é que erro muito com eles. Mas eles são um exemplo para mim e eu quero construir uma família como esta” (Clara, 16 anos).

Os/as jovens verbalizam que realizar **atividades em comum** ($n=5$) com os membros da sua família, através das **tradições familiares** (e.g., passagem de ano, festividades natalícias, rituais na hora da refeição, entre outras), dos **convívios familiares** e das **atividades de lazer** (e.g., passear) são aspetos que permitem aproximar as pessoas e que constroem a própria identidade da família, tal como demonstra o Pedro (16 anos) “esta ideia de família também surge das tradições que passei na minha família (...) no Ano Novo é que a minha família se junta toda, Ano Novo, Natal, todas as festas, eles se juntam todos (...) eu fico feliz quando é ano novo, sentir que eu e o meu pai conseguimos passar mais um ano (choro), é um bom ambiente, eu gosto (choro)... e isso é família e eu quero levar essas coisas para a minha família”. Além disso, ter uma família onde há **presença de afetos** ($n=4$) com demonstrações de **amor** e **carinho**, através de palavras e atitudes, é uma experiência que estes jovens conseguiram sobretudo observar em outras famílias e que consideram ser muito importantes para um bom ambiente e funcionamento familiar “os abraços e os elogios são importantes e numa família tem mesmo de existir, não só entre pais e filhos, mas também entre o pai e a mãe, eles não se podem esquecer que são um casal e têm que continuar íntimos” (Beatriz, 19 anos).

Ainda sobre a origem das representações destes/as jovens sobre família, foram reportadas as **experiências negativas** ($n=4$) que viveram ou observaram na sua família biológica ou adotivas e/ou nas famílias dos amigos. Estas experiências são sobretudo marcadas por ambientes familiares que **não forneciam uma fonte de suporte** aos seus membros, não apoiando, nem estando presente nas suas vidas em momentos muito críticos e importantes. Além disso, o próprio **abandono** que estes/as jovens experienciaram pela sua família é uma experiência negativa que parece ter influenciado muito a forma como veem e descrevem a família, “ser abandonada pelo meu pai marcou-me muito, foi um momento que me ajudou a perceber o que eu não quero que aconteça com os meus filhos nem com a família que eu construir” (Kiara, 16 anos).

Percebeu-se que as narrativas dos/as participantes sobre as representações que têm de família resultam da influência de vários **sistemas de referência** ($n=8$). Deste modo, os/as jovens mencionam o contributo das suas **experiências pessoais** ($n=8$), concretamente a sua vivência em vários ambientes familiares saudáveis e não saudáveis, como é relatado por Beatriz (19 anos) “(...) muitas coisas que eu quero ter na minha família futura foi porque eu não tive na minha própria família, ela não foi um exemplo. Para mim, o mundo ideal é ter dois pais apaixonados e tipo ter um filho e haver essa comunicação e abertura para falar sobre tudo e qualquer coisa, o que não aconteceu comigo”, e Maria (17 anos) “Eu penso na minha família. Há pessoas da minha família que eu gosto, mas há outras que eu sinto que podiam fazer mais, ou podiam se preocupar mais comigo. As pessoas que eu gosto fazem-me rir e dão-me amor, falam comigo sobre o que estão a sentir e isso também é importante (...) por exemplo, o meu pai, ele desabafa sobre a sua vida e eu acho isso também importante, porque não é só o filho que precisa de desabafar com o pai, o pai também precisa de desabafar com o filho e eu acho isso bonito entre uma relação de pai e filho”. Para além das próprias experiências nas suas famílias, a maior parte dos/as participantes referiu a influência dos familiares ($n=8$), como a família de origem (e.g., **pais**) e a família alargada (e.g. **tios, avós**) na construção e manutenção ou mudança das suas representações e atitudes sobre o que é ser família, “a relação dos meus tios é uma relação que para mim é um exemplo do que é família, eles tratam os filhos com muito amor e muito bem, é lindo de ver” (Kiara, 16 anos). A **família dos amigos** ($n=2$), são outro **sistema de referência** que os/as jovens mencionam para a construção e manutenção ou mudança das suas narrativas sobre o que é ser família, bem representativa na seguinte citação “estas ideias que tenho do que é uma boa família vêm da convivência com a família da minha amiga (...) eles são religiosos, eu não sou religiosa, mas eles eram religiosos e eles faziam

aquela coisa de rezar ao jantar e rezar nas refeições e para mim, eu não estou a falar da religião em si, mas a tradição que eles tinham em família, isso acho que é muito importante. Por exemplo, no Natal eles reúnem-se em família, passam tipo a família e é bom estar com eles, nós nos sentimos em paz, por isso eu acho que eles eram tipo um belo exemplo de como uma família devia ser, porque têm a tradição, a comunicação, têm tudo e eu olho para eles e fico quem me dera” (Beatriz, 19 anos). Apesar de forma mais dispersa ao longo da entrevista, os/as participantes acabaram por referir a influência dos *mass media* ($n=2$), onde se destacam as **redes sociais** e as próprias **novelas**, tal como referiu Clara (16 anos) “através dos Morangos com Açúcar consigo ver uma família que eu quero construir igual aquela. A do Carlos, a da Vera e a do Nuno. Eles acordavam e já tinham o pequeno-almoço todo feito, depois eles chegavam da escola, a mãe já estava fazendo o jantar, era comer, eles eram três irmãos muito unidos, eram os três rebeldes, eram muito unidos e ajudavam-se muito uns aos outros, oh pá, gostei muito dessa família e da cumplicidade que tinham”.

Expectativas para o futuro

As narrativas dos/as jovens sobre família são também originadas das próprias expectativas para o futuro ($n=8$) que estes fazem sobre o tipo de família que desejam. A maior parte dos/as jovens refere que deseja construir uma família onde haja **presença de afetos** ($n=7$), como **amor**, **carinho** e **atenção**, sobretudo para com os filhos, para que estes se sintam amados e felizes, como diz Kiara (16 anos) “é importante haver amor, sobretudo dar amor aos filhos, para eles se sentirem amados. Dar atenção e perceber como foi o dia deles (...) dar muitos abraços e beijinhos aos meus filhos, para que eles se sintam importantes e especiais”. A maior parte dos/as jovens ($n=7$) tem a expectativa de ter uma família onde os vários membros se **apoiam e protejam**, existindo **união** para que possam contar uns com os outros nos momentos bons e menos bons. Assim, quando referem a importância da família ser **fonte de suporte** ($n=7$), referem-se sobretudo a ter este cuidado com os seus filhos no futuro, “hmm... eu gostaria de ser melhor do que os meus pais foram, então vejo-me muito sempre por essa imagem (...) eu queria, sei lá, imaginando que eu tinha um filho, eu queria estar sempre lá ao lado dele a apoiar, também gostaria que, sei lá, estivesse em algum desporto, por exemplo, eu ia estar sempre lá nos treinos ou nos jogos, sempre a apoiar, e tudo mais, sempre alegre, a puxar por ele, a dizer que és capaz (emotivo)” (João, 20 anos). Ter uma **comunicação** ($n=6$) clara e tranquila é relatada por mais de metade dos/as participantes, valorizando também a importância de **escutarem** o que o outro tem para dizer e tentar compreender os vários lados e opiniões. Para estes/as jovens, a capacidade de falar e escutar tranquilamente é uma forma de evitar

grandes discussões e conflitos, promovendo um bom ambiente familiar que esperam para o seu futuro. As **atividades em conjunto** ($n=5$), seja de **lazer** ou as próprias **tarefas domésticas**, são aspetos que os/as participantes referem como importantes no dia-a-dia da sua família futura. Segundo os/as jovens, as **atividades de lazer** permitem que os vários membros da família possam sair da rotina e construir boas memórias juntos. As **tarefas domésticas** surgem como uma forma do casal se ajudar mutuamente no dia-a-dia. Os/as jovens referem que a partilha destas tarefas faz com que a responsabilidade pelas mesmas não recaia apenas sobre um dos elementos do casal, sendo também uma forma de passarem mais tempo junto e de se apoiar mutuamente, “então eu gostava de ter uma casa, como é obvio (...) tipo as regras da casa para mim, queria que fosse tarefas divididas por exemplo, um faz o jantar, outro lava a louça, tá a perceber? Por exemplo, vai trocando! Quem faz o jantar, não lava a louça, e vice-versa. As tarefas divididas, para mim é importante porque não é só a mulher que faz as coisas (risos)” (Beatriz, 19 anos). Por fim, a **ausência de conflitos e de violência** ($n=4$) é outro tópico importante e desejado pelos/as jovens para a sua futura família, sobretudo de forma a proteger os seus filhos. Esta **ausência de conflitos e de violência** parece estar, também, muito associada à importância dos vários membros da família não consumirem substâncias psicoativas, como drogas e/ou bebidas alcoólicas, visto que estas são muitas vezes um veículo impulsionador de conflito e de violência, segundo os/as participantes, como, por exemplo, Afonso (16 anos) “eu não quero que haja drogas na minha família, como existiu comigo. Eu quero que os meus filhos tenham um caminho diferente do meu, sem drogas e sem confusões, que sejam bem-educados e que vivam bem”.

Expetativas Futuras sobre Namoro/Conjugalidade e Família

Ao longo da entrevista, os/as jovens foram questionados/as se tinham o desejo de ter uma relação de namoro/conjugal no futuro e se desejavam construir uma família no futuro, em que a maior parte deles/as afirmou que tem o **desejo de ter uma relação de namoro e construir uma família** ($n=7$) e apenas um jovem demonstrou-se **indeciso** com estas questões, referindo que já pensou muito sobre isso, mas que atualmente não sabe se está preparado ou se quer efetivamente estes aspetos para a sua vida, estando atualmente mais focado no seu percurso escolar.

Quando questionados/as sobre as pessoas que os/as jovens gostavam que fizessem parte da sua vida futura ou alguém que já faz parte, mas que querem manter na sua vida, estes/as referiram com grande expressão a sua **família nuclear** ($n=6$), como o **pai, mãe e irmãos** ($n=6$),

os seus **amigos atuais** ($n=4$), a sua **família alargada** ($n=3$), **como os tios, madrinha, padrinho e sobrinhos**, os **atuais namorados/as** ($n=2$) e alguns **técnicos e colegas da casa de acolhimento** ($n=2$). No futuro, os/as jovens referiram ter o desejo de fazer **amizades novas** ($n=3$) e de ter uma **relação de namoro e filhos** ($n=1$).

Um olhar retrospectivo

Na conclusão da entrevista, os/as jovens foram desafiados a pensar que, se a sua vida fosse um filme, que nome dariam e porquê. Apresentam-se de seguida as narrativas de cada um/a:

Tabela 2

Se a tua vida fosse um filme, como se chamava e porquê?

Participante	Nome do filme	Fundamentação
Afonso	Mil e um caminhos, uma escolha	“porque apesar de, em certo ponto da nossa vida, haja imensas decisões a tomar eu tenho sempre aquela coisa fixa de saber o que eu quero e sei dizer não às coisas que me prejudicam e é nesse sentido”;
Alice	Aventureira	“porque eu já fiz bastantes coisas que nunca imaginei fazer, mesmo assim me aventurei sempre e fiz, mesmo sendo errado! Isso trouxe-me coisas positivas e negativas. Positivas, conheci pessoas novas; negativas, tive castigos por causa disso”;
Beatriz	Montanha-russa	“porque é altos baixos, altos e baixos, não dá para descrever, a minha vida foi um misto de emoções, eu não sei se odeio ou amo a minha vida, eu estou naquele ponto que não sei se odeio ou se amo, por algumas razões eu amo, por outras razões eu odeio (...) é uma montanha-russa por tudo o que eu já passei. Há momentos muito bons e momentos muito maus”;
Clara	Poço sem fundo	“porque eu estou num poço sem fundo. Eu nasci num poço sem fundo, nasci e fui para uma instituição de nascença, e então já daí é um poço (...) e então vim para a Madeira, foi uma corda que me largaram

João	Abismo	para eu subir, e depois vim para a instituição, outra vez para o fundo do poço (...) é um poço sem fim, uma pessoa cai, e sobe, cai e sobe e a vida é assim”; “eu não sei o que explicar, acho que é meio contraditório, mas eu acredito que seja mais isso, um abismo, sim”;
Kiara	Uma vida miserável	“a minha vida sempre foi um caos, os meus pais, tios, as minhas relações de namoro, enfim, tudo... ainda hoje é e parece que vai continuar a ser”.
Maria	Dificuldade	“porque foi muito difícil algumas partes da minha vida, ainda tem sido difícil, mas tem coisas boas também”;
Pedro	Altos e baixos	“tipo, não ir pelo mundo das drogas, foi o meu baixo. O meu alto, foi ter conseguido bastante dinheiro, bastante dinheiro mesmo. E o meu baixo, outra vez, foi ter acabado uma relação, outra relação. Não tive muitos altos, mas os meus baixos eu ficava tipo só a fumar droga, só a fumar droga, eu nem sequer dizia a eles onde eu estava. Eles sabiam que eu estava lá, eles sabiam onde eu ia estar”.

Sintetizando o que os/as participantes conceptualizam como sendo a sua vida através do nome de um filme, emergem histórias de vida com experiências de adversidade, marcadas por abandono, desilusão, dificuldades, risco e perigo, mas também resiliência para ultrapassar esses desafios que a vida lhes têm colocado. As suas expectativas sobre a sua vida futura apontam para a continuação da adversidade, porém, nas questões sobre os relacionamentos futuros os/as jovens referem aspetos positivos, o que pode traduzir uma idealização, mas sugere também que alguns/as jovens conseguem antecipar algo de positivo e esperançoso para o seu futuro e para os seus relacionamentos.

V. Discussão

O presente estudo procurou identificar as narrativas e representações que os/as jovens em acolhimento residencial têm sobre o namoro/conjugalidade e a família. Pretendeu-se ainda perceber qual a expectativa futura destes/as jovens sobre estas temáticas, analisando a influência

de diversos sistemas de referência nos seus processos de construção. Foram analisadas, assim, três dimensões principais: (1) **Narrativas sobre Namoro/Conjugalidade**, (2) **Narrativas sobre Família** e (3) **Expectativas futuras sobre Namoro/Conjugalidade e Família**.

Tanto quanto se sabe, este é o primeiro estudo qualitativo a estudar as narrativas de jovens em acolhimento residencial relativamente ao namoro/conjugalidade e à família numa amostra de adolescentes portugueses. Constatou-se que as árvores de palavras representadas nas Figuras 1 e 2, que representam os dois grandes temas emergentes da análise de dados (namoro/conjugalidade e família), integram uma estrutura dimensional (dimensões e subdimensões) muito semelhante entre si, o que pode justificar-se pelo facto de o guião de entrevista ter incluído questões similares quer para explorar a dimensão do namoro/conjugalidade (e.g., o que é para ti namorar?), como a dimensão familiar (e.g., o que é para ti ser família? Dá alguns exemplos concretos, pois pode ser mais fácil). O guião da entrevista semiestruturada foi elaborado a partir da literatura, através da qual foi possível perceber que tipo de questões permitiriam recolher de forma mais detalhada as narrativas dos/as jovens sobre estas configurações relacionais.

O namoro/conjugalidade e a família são definidos pelos/as participantes como configurações relacionais que providenciam suporte e respeito, devendo existir presença de afetos, reciprocidade e uma amizade prévia, no caso do namoro/conjugalidade, o que é convergente com os resultados de diversos estudos (Costa & Modesto, 2020; Forenza et al., 2018; Guzman et al., 2009; Ie, 2022; Moreira et al., 2021), que concluíram que os/as adolescentes consideram o respeito e as manifestações de carinho e de amor como essenciais na construção de um relacionamento saudável e bem-sucedido. Estes/as jovens revelam assim conhecimento sobre quais as características que devem estar presentes em relacionamentos íntimos saudáveis (e.g., afeto, apoio, comunicação), o que demonstra o papel fundamental que os vários sistemas de referência dos/as jovens como a família alargada, os amigos, a família de amigos, a casa de acolhimento e a comunidade em geral têm na vida destes/as. Estes sistemas de referência parecem ajudar estes/as jovens, na medida do possível, a conceber uma narrativa e visão saudável de família e casal. Deste modo, percebe-se também o papel fundamental que a aprendizagem social adquire, sendo que os/as adolescentes são capazes de aprender as competências necessárias observando e interagindo com outras pessoas significativas (Bandura & Huston, 1961).

As diferenças que mais se destacam nas árvores de palavras estão, sobretudo, relacionadas com algumas subdimensões acerca da definição que os/as jovens fazem de namoro/conjugalidade (e.g., amizade prévia) e de família (e.g., tipologia familiar). No caso do namoro/conjugalidade, constata-se que a amizade prévia ao namoro foi realçada como uma característica importante a ter em conta. Para os/as jovens uma amizade sólida prévia à relação com o/a seu/sua parceiro/a é uma forma de fortalecer o vínculo e de garantir uma evolução gradual e ponderada, potenciando uma relação mais duradoura e menos conflituosa no futuro. O facto dos/as jovens quererem uma relação de amizade prévia ao namoro poderá revelar a necessidade de estabelecimento de um vínculo seguro com a outra pessoa, de forma a desenvolver uma maior confiança com a mesma, sobretudo de uma forma mais íntima, o que corrobora com a literatura (Moreira et al., 2021; Wentzel et al., 2018).

No que diz respeito ao conceito de família, os/as jovens consideram que a família pode ser constituída por pessoas que, mesmo não sendo de sangue, demonstram preocupação e cuidado e que estão sempre presentes nas suas vidas, algo congruente com os estudos (Ie, 2022; Mota & Matos, 2018). De facto, as definições contemporâneas de família incluem uma diversidade maior de tipologias familiares, que vai muito além da existência de um vínculo biológico (Dias, 2011; Matos et al., 2015). O facto de existir um conceito de família mais amplo nos dias de hoje, permite a estes/as jovens sentirem-se mais congruentes com as suas próprias tipologias familiares, quer seja em relação à família biológica, como em relação relativa à residência de acolhimento. No caso dos/as jovens que passaram por EAI, a família composta pelos laços afetivos tem um papel importante na vida deles/as por se constituir como um sistema de referência para si mesmos/as. Assim sendo, e apesar da vivência de história de vida com eventos adversos (e.g., violência, abandono, consumo de substâncias psicoativas), estes/as jovens conseguem ter visões positivas acerca do que querem para si relativamente ao namoro/conjugalidade e à família, muito influenciados pelos seus sistemas de referência que foram modelos significativos (e.g., família de amigos, família alargada, casa de acolhimento), algo congruente com o estudo de Ie (2022). Os/as jovens deste estudo (e de outros que estudaram esta temática), referem que a família se baseia na forma como os seus membros agem e sentem uns pelos outros, constituindo-se em e por meio de práticas afetivas, considerando que acima de tudo é o amor que faz uma família, sendo esta a principal definição que atribuem à família (Ie, 2022; Manning et al., 2007). Como expectável, os/as participantes referiram, com grande expressão, que as suas narrativas sobre namoro/conjugalidade e família foram muito influenciadas por aquilo que vivenciaram na sua família de origem e na sua família

alargada, o que corrobora a literatura, na medida em que, na adolescência e na adultez emergente, o contexto familiar continua a exercer uma enorme influência nos projetos que os/as jovens elaboram, concretamente no que diz respeito ao namoro/conjugabilidade (Gassanov et al., 2008).

Um dos resultados expectáveis do presente estudo prende-se com o facto dos/as jovens identificarem a casa de acolhimento como um sistema de referência nas questões relacionadas com a família. Apesar dos desafios iniciais que muitos/as jovens enfrentam na entrada de uma casa de acolhimento (e.g., sentimento de abandono, solidão, tristeza), ao longo do tempo, a casa passa a ser percebida pelos/as mesmos/as como um local que os acolhe, constituindo-se como um sistema de referência, sobretudo por ter em conta e suprir as necessidades físicas, sociais, intelectuais, identitárias e emocionais do/a jovem. De acordo com a literatura (Ie, 2022), estas são características revelantes para a descrição do sentido de família. Em alguns estudos, os/as jovens acolhidos/as descrevem a sua vivência numa casa de acolhimento como o melhor período das suas vidas, sendo esta considerada como um meio privilegiado para a criação de laços afetivos que se conservam mesmo após a autonomização dos/as jovens (Ie, 2022; Mota & Matos, 2008), como mencionado também pelos/as participantes deste estudo. A qualidade da ligação com adultos significativos no processo de acolhimento parece contribuir para o desenvolvimento de jovens mais resilientes (Drapeau et al., 2007). Assim, os/as jovens em acolhimento residencial têm potencial para (re)significar e reconstruir a sua história de vida e as suas expectativas relativas ao futuro. Quando estes/as jovens são identificados como resilientes em vários domínios, exibem uma perceção de maior autoeficácia, afastamento do risco e novas trajetórias de vida (Drapeau et al., 2007).

Na adolescência, o grupo de pares continua a exercer uma enorme influência na vida do/a jovem, sendo que estes/as se preocupam com o facto de um relacionamento amoroso poder afetar a sua posição no grupo de pares (Bouchev & Furman, 2003; Papalia & Martorell, 2021). Como expectável, para a maior parte dos/as participantes deste estudo, os relacionamentos amorosos dos/as seus/suas amigos/as são um modelo de referência, onde estão presentes várias características que os/as jovens querem adotar nas suas relações, como a fidelidade e a existência de uma amizade prévia ao namoro, bem como características que não pretendem adotar, como os ciúmes e o controlo.

Os resultados do presente estudo sugerem que as experiências pessoais negativas vividas por todos/as os/as jovens ao longo da sua vida (e.g., ausência de uma fonte de suporte, abandono, violência doméstica) representam experiências adversas que influenciam a sua visão

sobre estas configurações relacionais e que podem contribuir para que se sintam menos confiantes e predispostos/as a iniciar um relacionamento amoroso e/ou formar um núcleo familiar, como sugere a literatura (Colman & Widomb, 2004). Por exemplo, experienciar o divórcio na família, na perspectiva de alguns/as participantes, pode vir a dificultar o estabelecimento das suas próprias relações conjugais e a promover menor confiança nas relações e no amor, como indicam alguns estudos (Delicia & Hasanat, 2022; South, 2013). Todavia, é de realçar que a maior parte dos/as participantes referiu ter vivenciado ou testemunhado experiências de namoro/conjugalidade positivas, marcadas pelo apoio, respeito, união e companheirismo. Estas experiências positivas que os/as jovens mencionam estão, sobretudo, relacionados com a observação de modelos de referência, como os relacionamentos amorosos de amigos e da sua família alargada. Esta informação é relevante para a forma como se avaliam as competências dos/as próprios/as jovens e se constroem expectativas sobre eles/as. Como expectável, percebe-se que um dos sistemas de referência dos/as jovens diz respeito aos *mass media*, que têm vindo nos últimos anos a desempenhar um papel central e a ocupar muito tempo e espaço na vida do ser humano, especialmente nas crianças e nos/as adolescentes (Sprecher & Felmlee, 2021). As redes sociais são um modelo de referência que cada vez mais os/as jovens têm seguido e que moldam a forma como percebem e ambicionam vários aspetos da sua vida, como os seus relacionamentos amorosos (Sprecher & Felmlee, 2021).

Relativamente às expectativas futuras, a maior parte dos/as participantes têm a expectativa de se envolver num relacionamento amoroso no futuro, o que é esperado e normativo atendendo à fase de vida em que se encontram: adolescência e início da idade adulta (Christopher et al., 2015; Papalia & Martorell, 2021). Durante a adolescência, os/as jovens estão em processo de descoberta sobre quem são e o que desejam em termos relacionais (Papalia & Martorell, 2021). Nesta fase da vida, namorar é expectável porque potencia o desenvolvimento emocional, social e identitário dos/as jovens (Christopher et al., 2015; Papalia & Martorell, 2021). Os resultados do presente estudo parecem corroborar este aspeto, verificando-se que os/as jovens ambicionam um relacionamento íntimo caracterizado pela presença de afetos, que seja investido e duradouro.

Um dos resultados do presente estudo sugere que a realização de atividades de lazer, quer no namoro/conjugalidade, como na família, exercem um papel muito importante. A literatura refere que fazer férias em conjunto, celebrar ocasiões importantes, como o aniversário e outros tipos de eventos familiares (e.g., natal e ano novo), contribui para o desenvolvimento e manutenção da identidade familiar (Ie, 2022), algo que os/as participantes deste estudo

mencionaram com grande ênfase. Este tipo de experiências parece fazer com que os/as jovens sintam o tal espaço de segurança que mencionaram quando definem família e também fortaleçam os laços familiares. Além disso, os/as participantes deste estudo estão integrados num contexto em que este tipo de celebrações são muito fomentadas, recorrentes e valorizadas na casa de acolhimento. Por exemplo, nas várias residências destes/as jovens é comum realizar-se jantares e/ou atividades comemorativas das principais datas festivas (e.g., jantar de aniversário dos/as jovens, jantar de natal, confeção de malassadas no carnaval), sendo algo que os/as jovens valorizam e ambicionam manter nas suas configurações relacionais futuras.

Quando se confrontam os resultados obtidos no presente estudo, com os indicadores da literatura, constata-se que não existem assim tantas diferenças entre os sonhos e as expectativas destes/as jovens comparativamente a outros/as jovens dentro da mesma faixa etária que nunca estiveram em situação de acolhimento residencial. Em alguns estudos realizados com adolescentes e adultos/as emergentes que não estiveram em situação de acolhimento residencial, foi possível perceber que os/as jovens, no geral, desejam construir relacionamentos emocionalmente mais maduros onde haja amor, partilha, cuidado, investimento, demonstração de afeto pelo outro, comunicação saudável e uma divisão mais igualitária das tarefas conjugais (Ferreira & Costa-Ramalho, 2021; Manning et al., 2007; Pinhel, 2023; Zordan et al., 2009), algo que é muito congruente com os resultados deste estudo. Por sua vez, os/as jovens que estiveram/estão sujeitos/as a uma medida de acolhimento residencial e/ou que passaram por algum tipo de EAI referem de uma forma mais explícita a expectativa de não passarem pelas mesmas novamente, como episódios de violência e abandono nas suas relações futuras. Este aspeto não é algo tão evidente em estudos com jovens que não passaram por experiências adversas, sendo este um principal fator que distingue as expectativas futuras dos/as jovens com e sem história de EAI, visto que um/a jovem que não passou por um conjunto de circunstâncias adversas, provavelmente não vai ter isto como uma expectativa, algo que é possível verificar na literatura (Pinhel, 2023; Zordan et al., 2009).

Como observado na Tabela 2, todos/as os/as participantes mencionaram um nome de um filme ilustrativo da sua história de vida. Os nomes dos filmes mencionados pelos/as jovens são ilustrativos das adversidades que os/as próprios passaram, retratando episódios de violência, abandono e outras situações adversas. Estes/as jovens tiveram a oportunidade de refletir sobre o quanto os episódios adversos os tornaram nas pessoas que são hoje, resilientes e com esperança no futuro. Estes/as jovens têm aprendido a viver numa “montanha-russa”, onde a vida tem sido imprevisível, sendo por vezes um “abismo” e um “poço sem fundo”, mas

em tantos outros momentos têm conseguido encontrar várias pessoas e outros caminhos que os/as levam a uma melhor escolha e versão deles/as próprios/as, a escolha de lutarem pela sua felicidade e por um futuro sem adversidade. As suas expectativas sobre a sua vida futura apontam para a continuação da adversidade, porém, nas questões sobre os relacionamentos futuros os/as jovens referem o desejo de estarem presentes características mais positivas e distintas das que viveram no passado (e.g. comunicação saudável, união, respeito, amor, carinho), o que sugere também que muitos/as jovens conseguem antecipar algo de positivo e esperançoso para o seu futuro e para este tipo de configurações relacionais. Alguns fatores que podem explicar este aspeto passa pela esperança que muitos/as destes/as jovens referiram ter relativamente ao seu futuro e que é algo muito congruente com a etapa do ciclo vital em que se encontram (Arnett, 2013). Outro fator que ajuda a compreender estes resultados está relacionado com a presença de modelos significativos na vida dos/as jovens, como referido por estes/as (e.g., familiares, amigos, casa de acolhimento, entre outros), que foram/são exemplos de configurações relacionais estáveis e saudáveis, através dos quais observaram características que os inspiram a ter nos seus relacionamentos (e.g., respeito, carinho, companheirismo, união). Além disso, mesmo os/as participantes que não conseguiram identificar nenhum modelo significativo na sua vida, referem a sua própria experiência pessoal de adversidade como uma sistema de referência, que moldou a sua forma de perceber estas configurações relacionais, tendo contribuído para desenvolverem uma visão mais positiva acerca do que querem para si enquanto família e conjugalidade (Forenza et al., 2018).

5.1. Limitações, pontos fortes e sugestões para estudos futuros

Apesar de contributos inéditos, o presente estudo não está isento de limitações. Desde logo, a heterogeneidade sociodemográfica da amostra pode constituir-se como uma limitação. A dificuldade na seleção dos/as participantes fez com que a amostra fosse constituída por jovens com alguma diversidade em termos de faixa etária, ou seja, adolescentes ($n=6$) e adultos/as emergentes ($n=2$). Além disso, não foi possível garantir a equitabilidade de género, sendo a maior parte dos/as participantes do género feminino ($n=5$). Esta investigação foi desenvolvida com jovens de uma casa de acolhimento residencial específica, podendo ter sido benéfico desenvolvê-la com jovens de diferentes casas de acolhimento residencial. Ainda assim, destaca-se pela positiva a diversidade de motivos que levou ao acolhimento residencial dos/as jovens, o que pode ter conferido maior riqueza e heterogeneidade à amostra, devido a experiências de adversidade e de vida distintas.

Tratando-se de um estudo qualitativo, e atendendo à dimensão da amostra, os resultados não são generalizáveis à restante população, ainda que tenham contribuído para uma melhor compreensão do fenómeno em estudo. No que concerne aos procedimentos de recolha de dados, a realização das entrevistas apresentou alguns desafios, como a gestão emocional ao longo das mesmas, por parte dos/as participantes e por parte da investigadora, numa fase inicial. Para alguns/as jovens abordar estas questões tornou-se muito ativador emocionalmente, sobretudo por estarem a abordar as mesmas com uma pessoa que não lhes é próxima e/ou confiável. Porém, realizar as entrevistas num formato presencial foi um ponto muito positivo, porque permitiu ter um contato mais próximo e imediato com os/as participantes, gerindo de uma melhor forma alguns momentos mais críticos e de instabilidade emocional. Além disso, através das entrevistas presenciais foi também possível captar e registar de uma forma mais fidedigna e imediata vários aspetos da comunicação não verbal. A gravação das entrevistas foi realizada em formato de áudio, o que permitiu rever mais tarde o discurso dos/as participantes. Quanto à gravação das entrevistas como um fator que pode comprometer a postura e o à-vontade dos/as participantes, não se parece ter verificado, tendo os/as participantes tido a oportunidade de esclarecerem todas as dúvidas antes da gravação das entrevistas.

Por fim, conclui-se que uma das grandes limitações deste estudo foi a sua abrangência no sentido em que as questões da entrevista procuraram abarcar não só a questão da definição de namoro/conjugalidade e de família, como as especificidades deste tipo de configurações relacionais e ainda explorar as expectativas dos/as participantes sobre estas temáticas. Para além das questões principais de cada dimensão, quase todos os pequenos tópicos foram colocados, o que gerou uma maior quantidade de resultados e, provavelmente, tenha dificultado o aprofundar de questões mais específicas e circunscritas (e.g., como é que estes/as jovens descrevem os relacionamentos amorosos que já vivenciaram). Neste sentido, e no que pertence à saturação teórica do tema, a mesma poderá não ter sido atingida, sobretudo na dimensão do namoro/conjugalidade e na definição deste tipo de configurações relacionais, não só pela abrangência das entrevistas, que abordaram muitas subdimensões, como pelo número de participantes em questão. Apesar de este ter sido um aspeto que inicialmente parecia estar a ser alcançado, mais tarde percebeu-se, através da análise dos dados, que algumas subdimensões encontradas tinham pouca consistência (e.g., definição de namoro/conjugalidade).

No sentido de colmatar as limitações encontradas, bem como de dar continuidade aos avanços teóricos desta investigação, sugere-se que, futuramente, seja recolhida e analisada uma amostra mais homogénea no que concerne à faixa etária e mais heterogénea no que se refere a

uma amostra com jovens que se encontram em casas de acolhimento residencial distintas, com o objetivo de perceber se a vivência residencial dos/as jovens nas várias casas de acolhimento tem de alguma forma influência na suas narrativas sobre o namoro/conjugalidade e a família. Para além disso, seria interessante que estudos futuros pudessem fazer uma análise retrospectiva com jovens e/ou adultos/as que já estiveram, no passado, em casas de acolhimento residencial, ou estudos que adotassem, como instrumento de recolha de dados, grupos focais. Os grupos focais fornecem evidências do modo como os/as participantes clarificam as suas conceções, bem como podem ser persuadidos pelos demais membros do grupo e, desta forma, ir modificando os seus pontos de vista (Willig, 2013), pelo que se poderão constituir como um formato alternativo de compreender o impacto dos outros e da cultura nas crenças e atitudes dos/as jovens. Realizar um estudo com jovens, dentro da mesma faixa etária que nunca estiveram em situação de acolhimento residencial e até realizar um estudo comparativo entre a perceção de ambos, se constituem como propostas interessantes para estudos futuros. Por sua vez, a realização de um estudo longitudinal poderia ser pertinente na medida em que permitiria acompanhar estes/as jovens nos próximos cinco anos e registar as experiências deles/as numa fase de transição para a autonomia e adultez. Por fim, realizar uma investigação com os/as gestores/as e/ou técnicos/as das casas de acolhimento seria benéfico para analisar, por exemplo, a perspetiva e a visão destes/as sobre o modo como os/as jovens vivem ou percecionam o namoro/conjugalidade e a família, bem como que tipo de necessidades estes/as técnicos identificam. Deste modo, assume-se assim a importância do desenvolvimento tanto de estudos qualitativos como quantitativos na contínua exploração destas temáticas e na consolidação dos resultados obtidos.

5.2. Contribuições do estudo

Neste sentido, no que diz respeito às implicações teóricas, esta investigação contribuiu para a lacuna empírica existente no campo das narrativas e das expectativas dos/as jovens em acolhimento residencial sobre namoro/conjugalidade e família e mostrou-se útil para uma compreensão mais sistémica e holística sobre estas temáticas. No que concerne às implicações clínicas, ao permitir uma melhor compreensão do fenómeno em estudo, esta investigação poderá influenciar o redireccionamento do foco dos processos de intervenção psicoterapêutica, permitindo assim o desenvolvimento de programas e/ou intervenções mais eficazes e sustentadas, de forma a auxiliá-los/as na construção de relacionamentos saudáveis no futuro. Ao envolvermos os/as jovens neste estudo, estamos a reconhecer a importância das suas opiniões e do seu conhecimento, promovendo assim a inclusão e a participação ativa destes/as

jovens em questões que afetam as suas vidas e também a apoiar os/as técnicos/as a aproximarem-se e conhecerem as necessidades dos/as jovens.

VI. Conclusões

O propósito desta investigação centrou-se na análise e compreensão dos significados atribuídos pelos/as jovens em acolhimento residencial acerca do conceito de família e de namoro/conjugalidade, bem como das expectativas destes/as sobre uma futura relação conjugal e constituição de um núcleo familiar.

Através deste estudo foi possível perceber que os/as jovens percecionam o namoro/conjugalidade e a família como uma fonte de suporte e de reciprocidade, sendo importante a presença de afetos. Estas representações dos/as jovens tiveram origem nas várias experiências pessoais positivas e negativas que tiveram ao longo da sua vida, bem como através dos vários sistemas de referência mencionados pelos/as próprios/as (e.g., família de origem, família alargada, amigos, casa de acolhimento, entre outros). Outro dos objetivos deste presente estudo, foi analisar e compreender quais as expectativas futuras dos/as jovens sobre o namoro/conjugalidade e a constituição de um núcleo familiar. Percebe-se assim que a maioria dos/as jovens tem a expectativa de construir uma relação amorosa e um núcleo familiar no futuro, ambicionando para estas configurações relacionais a presença de elementos essenciais de suporte mútuo (e.g., apoio, respeito, união e compreensão), presença de afetos (e.g., carinho, amor) e ainda manifestam a importância de realizar atividades em comum (e.g., atividades de lazer e tarefas domésticas). Além disso, para o seu futuro e em ambas as configurações relacionais estes/as jovens não pretendem passar novamente por experiências adversas e nem permitir que os/as seus/suas parceiros/as e restantes elementos do seu núcleo familiar passem pelas mesmas, como situações de violência doméstica, de consumo de substâncias psicoativas e de abandono, como a maioria destes/as passaram.

Assim, os resultados deste estudo corroboram globalmente os encontrados até ao momento na literatura, na medida em que os/as jovens em acolhimento residencial definem estas configurações relacionais como fonte de suporte e de reciprocidade, devendo existir a presença de afetos e realização de atividades em comum e rejeitando a ocorrência de experiências adversas. Além disso, foi possível perceber que não existem muitas diferenças das expectativas futuras sobre estas configurações relacionais de jovens que estiveram/estão em acolhimento residencial comparativamente aos/às que nunca estiveram sujeitos/as a uma medida de promoção e proteção. Assim sendo, os/as jovens nesta faixa etária,

independentemente de terem estado ou não acolhidos, conseguem identificar os fatores importantes para relacionamentos saudáveis e pretendem no futuro envolver-se neste tipo de configurações relacionais em que estejam presentes alicerces como o respeito, o apoio e a reciprocidade, desenvolvendo assim relacionamentos saudáveis, sem a ocorrência de experiências adversas.

Este estudo apresenta, assim, uma pertinência significativa no que toca ao conhecimento que produziu, uma vez que estudou o fenómeno da conjugalidade e da família em jovens com medida de acolhimento residencial de uma forma que se encontra particularmente inexplorada na literatura, nomeadamente no domínio da faixa-etária em que incide, a adolescência e adulez emergente, e no tipo de configurações relacionais que estuda, o namoro/conjugalidade e a família. Tanto quanto se sabe, também o modo como investigou o fenómeno é pouco utilizado e traz riqueza à investigação, uma vez que procurou compreender os significados e representações do namoro/conjugalidade e de família em adolescentes e adultos/as emergentes através do relato dos próprios/as, o que diminui o espaço para a elaboração de interpretações erróneas e não coincidentes com a realidade vivenciada por estes/as.

Referências Bibliográficas

- Adams, R., & Laursen, B. (2001). The organization and dynamics of adolescent conflict with parents and friends. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 97–110. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00097.x>.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares* (3ª ed). Edições Quarteto.
- Allen, M., & Donkin, A. (2015). *The impact of adverse experiences in the home on the health of children and young people, and inequalities in prevalence and effects*. UCL Institute of Health Equity.
- Almeida, A. N. (2011). A sociologia e a construção da infância: olhares do lado da família. In Leandro, M. E. (coord.). *Laços Familiares e Sociais* (pp. 1–20). PsicoSoma.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. Artmed.
- Arnett, J. (2013). *Adolescence and Emerging Adulthood a Cultural Approach - Fifth Edition*. Pearson.
- Arpini, D. (2003). *Violência e exclusão: adolescência em grupos populares*. EDUSC.
- Bandura, A., & Huston, A. C. (1961). Identification as a process of incidental learning. *Journal of Abnormal & Social Psychology*, 63(2), 311–318.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. In J. Smetana (Ed.), *Changing boundaries of parental authority during adolescence* (pp. 61–69). Jossey-Bass.
- Bellis, M., Ashton, K., Hughes, K. E., Ford, K., Bishop, J., & Paranjothy, S. (2016). Adverse childhood experiences and their impact on healthharming behaviours in the Welsh adult population. *Public Health Wales NHS Trust*, 388(21), 1-13. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)32257-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)32257-7).
- Benzi, I., Carone, N., Moretti, M., Ruglioni, L., Tracchegiani, J., & Barone, L. (2023). eCONNECT Parent Group: An Online Attachment-Based Intervention to Reduce Attachment Insecurity, Behavioral Problems, and Emotional Dysregulation in Adolescence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(3532), 1-11. <https://doi.org/10.3390/ijerph20043532>.

- Bouchev, H. A., & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In G. R. Adams & M. D. Berzonsky, (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313–329). Blackwell.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Campos, J., Barbosa-Ducharne, M., Dias, P., & Rodrigues, S. (2019). Saúde mental de crianças e adolescentes portuguesas em acolhimento residencial. *Configurações*, 23, 105-122. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.7116>.
- Carvalho, T., & Manita, C. (2010). *Percepções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição*. In Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, Portugal, Braga, Portugal.
- Chaves, J. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46.
- Choi, N. G., DiNitto, D. M., Marti, C. N., & Choi, B. Y. (2017). Association of adverse childhood experiences with lifetime mental and substance use disorders among men and women aged 50+ years. *International Psychogeriatrics*, 29(3), 359-372.
- Christopher, F. S., Poulsen, F. O., & McKenney, S. J. (2015). Early adolescents and “going out”: The emergence of romantic relationship roles. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(6), 814–834.
- Colman, R. A., & Widom, C. S. (2004). Childhood Abuse and Neglect and Adult Intimate Relationships: A Prospective Study. *Child Abuse & Neglect*, 28, 1133-1151. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.02.005>.
- Correia, C., & Sequeira, J. (2011). A Rede Social das Famílias Multiproblemáticas ou Multidesafiadas: Estudo Exploratório com Famílias Rurais. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(2), 483-492.
- Costa, N., & Modesto, J. (2020). Representação Social do Relacionamento Amoroso Saudável. *Revista de Psicologia da IMED*, 12, 100–115.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Almedina.
- Crone, E. A. (2016). *The Adolescent Brain: Changes in Learning, Decision-Making and Social Relations*. Routledge.

- Cruz, O., Custódio, S., & Alves, D. (2010). Concepções de parentalidade: o ponto de vista das crianças. In A.T. Almeida & N. Fernandes (Org.), *Intervenção com Crianças, Jovens e Famílias. Estudos e Práticas* (pp. 27-43). Almedina.
- Decreto-Lei n.º 147/99 da Lei de protecção de crianças e jovens em perigo. (1999). Diário da República: I-A série, n.º 204. https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/147-1999-581619?_ts=1699028721459.
- Decreto-Lei n.º 164/2019 do regime de execução do acolhimento residencial, medida de promoção dos direitos e de protecção das crianças e jovens em perigo. (2019). Diário da República: I série, n.º 206. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/164-2019-125692191>.
- Delicia, C. A., & Hasanat, N. U. (2022). Understanding the meaning-making of romantic relationships among emerging adults after parental divorce. *Journal Psikologi*, 49(2), 195–209. <https://doi.org/10.22146/jpsi.73571>.
- Dell’Aglío, D. D., Santos, S. S., & Borges, J. L. (2004). Infracção juvenil feminina: uma trajectória de abandonos. *Interacção em Psicologia*, 8(2), 191-198.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156.
- DiLillo, D., Peugh, J., Walsh, K., Panuzio, J., & Traks, E. (2009). Child Maltreatment History Among Newlywed Couples: A Longitudinal Study of Marital Outcomes and Mediating Pathways. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 77(4), 680- 692.
- Drapeau, S., Saint-Jacques, M. C., Lepine, R., Begin, G., & Bernard, M. (2007). Processes that contribute to resilience among youth in foster care. *Journal of Adolescence*, 30, 977-999.
- Dube, S. R., Cook, M. L., & Edwards, V.J. (2010). Healthrelated outcomes of adverse childhood experiences in Texas, 2002. *Preventing Chronic Disease*, 7(3), 1-9.
- Dunlop, B. W., Hill, E., Johnson, B. N., Klein, D. N., Gelenberg, A. J., Rothbaum, B. O., Thase, M. E., & Kocsis, J. H. (2015). Mediators of sexual functioning and marital quality in chronically depressed adults with and without a history of childhood sexual abuse. *The Journal of Sexual Medicine*, 12(3), 813-823.
- Engels, R. C. M. E., Dekovic, M., & Meeus, W. (2002). Parenting practices, social skills and peer relationships in adolescence. *Social and Behaviour Personality*, 30, 3-18. <https://doi.org/10.2224/sbp.2002.30.1.3>.
- Felitti, V. J., & Anda, R. F. (2010). The relationship of adverse childhood experiences to adult medical disease, psychiatric disorders, and sexual behavior: Implications for

- healthcare. In R. A. Lanius, E. Vermetten, & C. Pain (Eds.), *The impact of early life trauma on health and disease: The hidden epidemic* (pp. 77-87). Cambridge University Press.
- Ferreira, M.A., & Costa-Ramalho, S. (2021). Expectations of Emerging Adults about Conjugality and Parenthood. *Youth Voice Journal*, 1-24.
- Forenza, B., Bermea, A., & Rogers, B. (2018). Ideals and Reality: Perceptions of Healthy and Unhealthy Relationships Among Foster Youth. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 35, 221-230. <https://doi.org/10.1007/s10560-017-0523-3>.
- Friesen, M. D., Woodward, L. J., Horwood, L. J., & Fergusson, D. M. (2010). Childhood exposure to sexual abuse and Partnership outcomes at age 30. *Psychological Medicine*, 40(4), 679–688.
- Garrido, E., Weiler, L., & Taussig, H. (2018). Adverse Childhood Experiences and Health-Risk Behaviors in Vulnerable Early Adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 38(5), 661-680.
- Gassanov, M. A., Nicholson, L. M., & Koch-Turner, A. (2008). Expectations to marry among american aouth: The effects of unwed fertility, economic activity, and cohabitation. *Youth & Society*, 40(2), 265–288. <https://doi.org/10.1177/0044118X08314260>.
- Goldstein, S. E., Davis-Kean, P. E., & Eccles, J. E. (2005). Parents, Peers, and Problem Behavior: A Longitudinal Investigation of the Impact of Relationship Perceptions and Characteristics on the Development of Adolescent Problem Behavior. *Developmental Psychology*, 41(2), 401–413. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.41.2.401>.
- Guba, E., & Lincoln, Y. (2004). Competing paradigms in qualitative research. Theories and issues. In S. N. Hesse–Bieber, & P. Leavy (Eds.), *Approaches to qualitative research: A reader on theory and practice* (pp. 17–38). Oxford University Press.
- Guzman, L., Ikramullah, E., Manlove, J., Peterson, K., & Scarupa, H. (2009). Telling it like it is: Teen Perspective on Romantic Relationship. *Child Trends*, 44, 1–8.
- Hopwood, C. J., & Grilo, C. M. (2010). Internalizing and Externalizing Personality Dimensions and Clinical Problems in Adolescents. *Child Psychiatry & Human Development*, 41(4), 398–408.
- Ie, J. (2022). The concept of family: Perspectives of Spanish young people in foster care. *Child & Family Social Work*, 28(2), 503-514. <https://doi.org/10.1111/cfs.12980>.
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2023). CASA 2022 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens. <https://www.seg->

social.pt/documents/10152/13200/Relat%C3%B3rio+CASA+2022/c1d7359c-0c75-4aae-b916-3980070d4471.

- Katz, C. C., Courtney, M. E., & Sapiro, B. (2020). Emancipated Foster Youth and Intimate Partner Violence: An Exploration of Risk and Protective Factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23-24), 5469-5499. <https://doi.org/10.1177/0886260517720735>.
- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2019). Parenting Styles: A Closer Look at a Well-Known Concept. *Journal of Child and Family Studies*, 28(1), 168-181. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1242-x>.
- Langer, S. L., Crain, A. L., Senso, M. M., Levy, R. L., & Sherwood, N. E. (2014). Predicting Child Physical Activity and Screen Time: Parental Support for Physical Activity and General Parenting Styles. *Journal of Pediatric Psychology*, 39(6), 633-642.
- Leeman, R. F., Patoock-Peckham, J. A., Hoff, R. A., Krishnan-Sarin, S., Steinberg, M. A., Rugle, L. J., & Potenza, M. N. (2014). Perceived Parental Permissiveness Toward Gambling and Risky Behaviors in Adolescents. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 115-123. <https://doi.org/10.1556/JBA.3.2014.012>.
- Manning, W. D., Longmore, M. A., & Giordano, P. C. (2007). The changing institution of marriage: Adolescents' expectations to cohabit and to marry. *Journal of marriage and family*, 69(3), 559-575. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00392.x>.
- Martínez, I., & García, J. F. (2007). Impact of Parenting Styles on Adolescents' Self-Esteem and Internalization of Values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(2), 338-48.
- Masud, H., Ahmad, M. S., Cho, K. W., & Fakhr, Z. (2019). Parenting Styles and Aggression Among Young Adolescents: A Systematic Review of Literature. *Community Mental Health Journal*, 55(6), 1015-1030. <https://doi.org/10.1007/s10597-019-00400-0>.
- Matos, M. G., Leandro, A., Machado, M. C., Leal, I., Vilar, D., Gonçalves, C., Moreno Rodríguez, M. C., & Löhr, S. S. (2015). Novas e antigas dinâmicas familiares: Influência no bem-estar dos adolescentes e seus cuidadores. *Psicologia da Criança e do Adolescente*, 6(1), 15-34.
- McGavock, L., & Spratt, T. (2016). Children Exposed to Domestic Violence: Using Adverse Childhood Experience Scores to Inform Service Response. *British Journal of Social Work*, 47(4), 1128-1146. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcw073>.
- McLaughlin, K. A., Koenen, K. C., Bromet, E. J., Karam, E. G., Liu, H., Petukhova, M., Ruscio, A. M., Sampson, N. A., Stein, D. J., Aguilar-Gaxiola, S., Alonso, J., Borges,

- G., Demyttenaere, K., Dinolova, R. V., Ferry, F., Florescu, S., de Girolamo, G., Gureje, O., Kawakami, N., . . . Kessler, R. C. (2017). Childhood adversities and post-traumatic stress disorder: Evidence for stress sensitisation in the World Mental Health Surveys. *The British Journal of Psychiatry*, *211*(5), 280–288. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.116.197640>.
- Moreira, I., Fernandes, M., Silva, A., Veríssimo, C., Leitão, M., Filipe, L., & Sá, M. (2021). Intimate Relationships as Perceived by Adolescents: Concepts and Meanings. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *18*(5), 1-13. <https://doi.org/10.3390/ijerph18052256>.
- Moretti, M., Pusalich, D., & O'Donnell, K. (2018). Connect: An attachment-based program for parents of teens. In H. Steele & M. Steele, *Handbook of attachment-based interventions* (pp. 375-400). Guilford Press.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation. *Social Development*, *16*(2), 361-388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Adolescence and institutionalization: An attachment approach. *Psicologia & Sociedade*, *20*(3), 367-377. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300007>.
- Mota, C., & Matos, P. (2018). Acolhimento Residencial – Uma Abordagem Relacional. In C. Mota & P. Matos, *Acolhimento Residencial e Familiar* (pp. 9-39). Centro de Estudos Judiciários.
- Navarro, R., Larrañaga, E., Yubero, S., & Villora, B. (2022). Associations between Adverse Childhood Experiences within the Family Context and In-Person and Online Dating Violence in Adulthood: A Scoping Review. *Behavioral Sciences*, *12*, 1-31. <https://doi.org/10.3390/bs12060162>.
- Nijhof, K. S., & Engels, R. C. (2007). Parenting Styles, Coping Strategies, and The Expression of Homesickness. *Journal of Adolescence*, *30*(5), 709-720.
- Nucci, L., Hasebe, Y., & Lins-Dyer, M. T. (2005). Adolescent psychological well-being and parental control. In J. Smetana (Ed.), *Changing boundaries of parental authority during adolescence* (pp. 17–30). Jossey-Bass.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2021, julho 13). Regulamento n.º 637/2021: Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. *Diário da República*, 105–116.

- Ozturk, Y., Moretti, M., & Barone, L. (2019). Addressing parental stress and adolescents' behavioral problems through an attachment-based program: An intervention study. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 19(1), 89-100.
- Papalia, D., & Martorell, G. (2021). *Desenvolvimento Humano (14.ª edição)*. McGraw Hill.
- Piaget, J. (1972). Intellectual evolution from adolescence to adulthood. *Human Development*, 15, 1–12. <https://doi.org/10.1159/000271225>.
- Pinhel, I. (2023). *Conjugalidade e violência: Estudo qualitativo sobre crenças e atitudes na adultez emergente*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. <https://hdl.handle.net/10316/109067>.
- Piotrowski, J. T., Lapierre, M. A., & Linebarger, D. L. (2013). Investigating Correlates of Self-Regulation in Early Childhood with a Representative Sample of English-Speaking American Families. *Journal of Child and Family Studies*, 22(3), 423-436. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9595-z>.
- Pong, S. L., Johnston, J., & Chen, V. (2010). Authoritarian Parenting and Asian Adolescent School Performance: Insights from the US and Taiwan. *International Journal of Behavioral Development*, 34(1), 62-72. <https://doi.org/10.1177/0165025409345073>.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2010). O Papel da Comunicação no Exercício da Parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 52(2), 387-400. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-2_16.
- Refaeli, T., Zeira, A., & Benbenishty, R. (2022). Ten years later: Satisfaction with intimate relationships and parenthood of young people aging out of residential care. *Child Abuse & Neglect*, 129, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105635>.
- Sanvictores, T., & Mendez, M. (2022). *Types of Parenting Styles and Effects on Children*. StatPearls Publishing.
- Schickedanz, A., Halfon, N., Sastry, N., & Chung, P. J. (2018). Parents' adverse childhood experiences and their children's behavioral health problems. *Pediatrics*, 142(2), 1-18.
- Schütze, I., Geraedts, K., & Leeners, B. (2020). The association between adverse childhood experiences and quality of partnership in adult women. *Child Abuse & Neglect*, 108, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104653>.
- Sigelman, C., & Rider, E. (2012). *Human Development Across the Life Span (9.ª ed.)*. Wadsworth Cengage Learning.
- Smith, J. A. (1996). Beyond the divide between cognition and discourse: using interpretative phenomenological analysis in health psychology. *Psychology & Health*, 11(2), 261–271.

- Smith, J. A. (2011). Evaluating the contribution of interpretative phenomenological analysis. *Health Psychology Review, 5*(1), 9–27.
- Smith, J. A., & Osborn, M. (2008). Interpretative Phenomenological Analysis. In J. A. Smith (Ed.), *Qualitative Psychology. A practical guide to research methods* (2a ed., pp. 53–80). Sage.
- Smith, J. A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis: theory, method and research*. Sage.
- Sousa, L. & Eusébio, C. (2005). When Multi-problem poor Individuals' Values Meet Practicioners Values. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 15*(5), 353–367.
- South, A. L. (2013). Perceptions of romantic relationships in adult children of divorce. *Journal of Divorce & Remarriage, 54*(2), 126–141. <https://doi.org/10.1080/10502556.2012.755032>.
- Sprecher, S., & Felmlee, D. (2021). Social Network Pressure on Women and Men to Enter a Romantic Relationship and Fear of Being Single. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships, 15*(2), 246–261. <https://doi.org/10.5964/ijpr.6139>.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences, 9*(2), 69–74. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2004.12.005>.
- Wang, X., & Cheng, Z. (2020). Cross-Sectional Studies: Strengths, Weaknesses, and Recommendations. *Chest Journal, 158*(1), 65–71.
- Wells, M. A. (2016). Gender, power, and trust in couple therapy with survivors of childhood abuse. *Journal of Couple and Relationship Therapy, 15*(3), 177–192. <https://doi.org/10.1080/15332691.2014.962210>.
- Wentzel, K.R., Jablansky, S., & Scalise, N.R. (2018). Do Friendships Afford Academic Benefits? A Meta-analytic Study. *Educational Psychology Review, 30*, 1241–1267. <https://doi.org/10.1007/s10648-018-9447-5>.
- Wheeler, N. J., Daire, A. P., Barden, S. M., & Carlson, R. G. (2019). Relationship distress as a mediator of adverse childhood experiences and health: Implications for clinical practice with economically vulnerable racial and ethnic minorities. *Family Process, 58*(4), 1003–1021. <https://doi.org/10.1111/famp.12392>.
- Williamson, D. F., Thompson, T. J., Anda, R. F., Dietz, W. H., & Felitti, V. (2002). Body weight and obesity in adults and self-reported abuse in childhood. *International Journal of Obesity, 26*(8), 1075–1082. <https://doi.org/10.1038/sj.ijo.0802038>.

- Willig, C. (2013). *Introducing qualitative research in psychology* (3.^a ed.). Open University Press.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). To marry or not to marry?: Reasons and expectations regarding marriage. *Psychology in review*, 15(2), 56-76. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2009v15n2p56>.

Apêndices

Apêndice I – Parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade da Madeira

Apêndice II – Parecer favorável do Instituto de Segurança Social da Madeira

Apêndice III - Consentimento Informado para a Casa de Acolhimento

Apêndice IV - Consentimento Informado para os Pais/Representantes Legais dos Jovens

Apêndice V – Assentimento Informado para os Jovens

Apêndice VI – Ficha dos Dados Sociodemográficos dos Participantes e Guião da Entrevista Semiestruturada

Apêndice I – Parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade da Madeira



B - CONCLUSÃO

A CEUMa deliberou emitir um parecer favorável à realização do estudo, tendo em conta os pressupostos indicados pelo Investigador, mas sujeito às seguintes recomendações:

- No documento denominado “Consentimento informado para o Lar de Infância e Juventude”, na pergunta “Como se pode participar no estudo?”, deve corrigir-se a resposta, passando a constar: A participação dos jovens apenas será possível com as autorizações do Instituto de Segurança Social da Madeira, da instituição de acolhimento e dos representantes legais dos jovens.
- Em qualquer dos documentos de consentimento informado - Consentimento informado para os pais, representantes legais ou quem tenha a guarda dos jovens” e “Consentimento informado para o Lar de Infância e Juventude – deve ficar expresso, para além de ser voluntário (já consta em ambos), que o jovem pode a qualquer momento desistir da sua participação.

Relator: Juiz Desembargador Paulo Barreto

Aprovado por unanimidade, em reunião do dia 15 de fevereiro de 2024

A Presidente da CEUMa

Professora Doutora Líliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis

Apêndice II – Parecer favorável do Instituto de Segurança Social da Madeira

Ex.ma Senhora
Eduarda Camacho
2072719@student.uma.pt

Sua Referência

Sua Comunicação de
21/09/2023

Nossa Referência
165651

Data:
2023-10-04

Assunto: Requerimento para realização de um estudo de mestrado

No âmbito do requerimento dirigido a este Instituto, no passado dia 21 de setembro, solicitando a colaboração para a realização de um projeto de investigação sobre "Atitudes e Crenças dos adolescentes em acolhimento residencial em relação à conjugalidade e à família", vimos comunicar a V. Ex.ª que, o mesmo mereceu aprovação.

Para o desenvolvimento do projeto de investigação, deverá articular com a Diretora da Unidade de Acolhimento do Departamento de Apoio à Família, Infância e Juventude, Dr.ª Cláudia Carvalho.

Mais se solicita que, após a conclusão do estudo, os resultados do mesmo possam ser partilhados com este Instituto.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente do Conselho Diretivo


(Micaela Fonseca de Freitas)

Apêndice III – Consentimento Informado para a Casa de Acolhimento

Consentimento informado para o Lar de Infância e Juventude

Convite à participação no projeto de investigação: Atitudes e crenças dos adolescentes em acolhimento residencial em relação à conjugalidade e à família

Cara Diretora do Lar de Infância e Juventude []:

O acolhimento residencial de crianças e jovens no âmbito do sistema de proteção continua a ser muito prevalente em Portugal. A investigação existente dá poucas pistas sobre como é que os jovens em acolhimento residencial percebem as relações amorosas e familiares e como se projetam no futuro em termos familiares.

Qual é o objetivo do estudo?

Pretende-se explorar crenças, atitudes, motivações e expectativas dos jovens em acolhimento residencial face à conjugalidade, à família e ao modo como se projetam no futuro. Os resultados deste estudo irão contribuir para intervenções mais ajustadas em contexto de acolhimento residencial.

Quem pode participar?

Qualquer jovem que (a) tenha idade mínima de 16 anos, (b) que esteja em acolhimento residencial na Região Autónoma da Madeira e (c) que não tenha sido diagnosticada com qualquer tipo de perturbação de desorganização, perturbação do espectro do autismo e/ou défices cognitivos que comprometam a perceção da realidade.

Como se pode participar no estudo?

A participação dos jovens é voluntária e estes podem a qualquer momento desistir de participar neste estudo. A participação dos jovens apenas será possível com as autorizações do Instituto de Segurança Social da Madeira, da Instituição de Acolhimento Residencial e dos Representantes Legais dos Jovens. Participar neste estudo implica responder brevemente a um questionário sociodemográfico e a algumas questões que serão realizadas com recurso a algumas dinâmicas para o efeito (duração média de 30 minutos). Não existem respostas certas ou erradas; o importante é que os jovens expressem o que pensam, sentem ou fazem em cada caso.

A confidencialidade dos dados é garantida?

A conversa que teremos com os jovens será gravada para efeitos exclusivos da investigação. Desta forma, os investigadores responsáveis por este projeto comprometem-se a garantir a total confidencialidade dos dados fornecidos e a destruir as gravações após a sua análise no âmbito da investigação. Este estudo foi apreciado e aprovado pela Comissão de Ética da Universidade da Madeira.

Se desejar colocar alguma questão sobre o estudo quem posso contactar?

Se surgirem dúvidas adicionais sobre a participação dos jovens neste estudo, por favor, contacte a equipa de investigação através dos e-mails 2072719@student.uma.pt e alda.portugal@staff.uma.pt.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Se aceitar que os adolescentes deste Lar de Infância e Juventude participem neste projeto de investigação, por favor coloque um X no quadrado abaixo:

Tomei conhecimento dos objetivos deste estudo e aceito que os adolescentes deste Lar de Infância e Juventude participem voluntariamente no mesmo.

Assinatura legível e manuscrita: _____

Data: ___ / ___ / _____

A equipa de investigação:

Eduarda Camacho (Estudante de mestrado em Psicologia Clínica, da Saúde e do Bem-estar da Universidade da Madeira)

Alda Portugal (Professora na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra)

Isabel Alberto (Professora na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

Apêndice IV - Consentimento Informado para os Pais/Representantes Legais dos Jovens
Consentimento informado para os Pais/Representantes Legais dos Jovens
Convite à participação num projeto

A partir do momento em que o seu filho está acolhido nesta casa de acolhimento residencial faz com que ele possa ter o apoio desta equipa, além do apoio que já recebe da vossa parte, como pais e pessoas muito especiais e significativas para eles.

Assim, gostávamos de contar com a participação do seu filho num estudo que tem como objetivo perceber como é que ele pensa e se sente relativamente a assuntos como namoros, casamentos e as famílias em geral.

Como você é uma pessoa muito importante na vida do seu filho e continua a ter o papel principal de cuidador dele, gostávamos de pedir o seu consentimento e autorização para que assim ele possa participar. Ele tem apenas de responder a algumas perguntas.

Se surgirem dúvidas sobre a participação do seu filho nesta tarefa pode falar com a Diretora da Casa de Acolhimento. Ela está a par do projeto e tem os nossos contactos se for necessário esclarecer alguma dúvida.

A participação nesta tarefa é voluntária e gratuita, não trazendo custos para ninguém. Em qualquer momento o seu filho pode desistir da sua participação neste estudo. A conversa será gravada apenas para analisar as respostas recolhidas. Desta forma, as pessoas responsáveis por este projeto comprometem-se a garantir a total confidencialidade dos dados fornecidos e a destruir as gravações após a sua análise.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Se aceitar que o/a seu/sua filho/filha participe neste projeto de investigação, por favor coloque um X no quadrado abaixo:

Tomei conhecimento dos objetivos deste projeto e aceito que o/a meu/minha filho/filha participe voluntariamente e gratuitamente no mesmo.

Assinatura: _____

Data: ___ / ___ / _____

Investigadora do projeto:

Eduarda Camacho (Estudante de mestrado em Psicologia Clínica, da Saúde e do Bem-estar da Universidade da Madeira)

Orientadoras do projeto:

Alda Portugal (Professora na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra)

Isabel Alberto (Professora na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

Apêndice V – Assentimento Informado para os Jovens

Assentimento informado para os jovens *Convite à participação em projeto de investigação*

Qual é o objetivo do estudo?

A forma como pensamos e vemos as coisas à nossa volta influencia o modo como imaginamos o nosso futuro. Assim, gostávamos de te convidar a participar num estudo que tem como objetivo saber o que achas sobre namorar, casar e sobre o que é ser família em geral. Também gostávamos de saber como te imaginas no futuro nestes aspetos. Para nós é importante a tua ajuda, através da tua participação numa entrevista individual sobre estes aspetos, que fazem parte da vida de todos nós.

Como podes participar?

A tua participação nesta investigação é voluntária. Para participares terás apenas de responder a um breve questionário e a algumas questões, numa entrevista individual. A entrevista é uma conversa, e não há respostas certas ou erradas para as perguntas que são feitas. Para nós, o importante é conhecer a tua opinião, ou seja, o que pensas, sentes ou fazes. Em qualquer momento podes desistir de participar neste estudo.

A confidencialidade dos teus dados é garantida?

Como já explicámos, a entrevista é uma conversa, que te vamos pedir para autorizares que seja gravada em áudio, a que apenas eu, como investigadora principal, tenho acesso. Depois de ter sido transcrita, a gravação será eliminada. As investigadoras responsáveis por esta investigação garantem a confidencialidade e o anonimato. Assim, é-te pedido que indiques um nome (pode ser um objeto, animal, planta, o que quiseres) para ser usado como código. Este estudo foi apreciado e aprovado pela Comissão de Ética da Universidade da Madeira.

Se tiveres alguma dúvida ou pergunta sobre a tua participação neste estudo podes falar com a diretora da tua Casa de Acolhimento, pois está a par do estudo e tem os nossos contactos se for necessário esclarecer alguma questão adicional.

CONSENTIMENTO INFORMADO

Se aceitares participar nesta investigação, por favor coloca um X no quadrado abaixo:

Tomei conhecimento dos objetivos deste estudo e aceito participar voluntariamente no mesmo.

Assinatura legível e manuscrita: _____

Data: ___ / ___ / _____

A investigadora:

Eduarda Camacho (Estudante de mestrado em Psicologia Clínica, da Saúde e do Bem-estar da Universidade da Madeira)

As orientadoras:

Alda Portugal (Professora na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra)

Isabel Alberto (Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

Apêndice VI – Ficha dos Dados Sociodemográficos dos Participantes e Guião da Entrevista Semiestruturada

Questionário de Dados Sociodemográficos

1. Género: Feminino ____ Masculino ____ Outro ____
2. Idade: _____
3. Habilitações literárias / Ano de Escolaridade: _____
4. Há quanto tempo vive na Casa de Acolhimento?: _____
5. Qual o motivo do Acolhimento Residencial? _____
6. Quem são as pessoas que para ele/a são mesmo muito importantes? Qual a importância que têm na vida dele/a? _____
7. Que tipo de contacto mantém com essas pessoas significativas (e.g., pai, mãe, tio, irmão)?: _____

Guião da Entrevista

Convidei-te para termos esta conversa porque é muito importante para mim e interessa-me perceber como é que os jovens da tua idade imaginam a sua vida no futuro, quer em termos de relações amorosas, como da família em geral e até sobre outros projetos que desejam e imaginam para o futuro. Na tua idade, na maioria das vezes, já se começa a pensar sobre o futuro, como por exemplo, o que gostavas de ser a nível profissional, mas também acerca de ter ou não namorado, ter ou não ter filhos, etc. Nesta conversa irei colocar algumas questões, mas se não te sentirdes à vontade para responder a alguma, não há problema. Só respondes ao que quiseres. Também não há respostas certas ou erradas, só quero mesmo conhecer a tua opinião, porque ela é importante para mim e poderá ser importante para outros jovens da tua idade! Por isso, não tenhas medo de dizer o que pensas. Nada do que me dirás aqui será partilhado com alguém. Vou apenas escrever um trabalho a partir desta entrevista e de outras, mas nunca te irei identificar. Assim, vou-te pedir que me digas que nome é que devo usar no estudo quando referir algumas coisas que disseste. Pode ser um nome qualquer (e.g., animal, planta, objeto, nome de pessoa que não seja o teu, etc).

1. Namoro e casamento

- 1.1. O que é para ti namorar?
- 1.2. Para ti, qual a importância de uma relação de namoro na vida de uma pessoa?

- 1.3. Alguma vez viste ou conheceste um casal de namorados em que pensasses que gostarias de ter um namoro assim? Se sim, o que havia nessa relação de namoro que é importante para ti?
- 1.4. Na tua opinião, o que é preciso haver numa relação de namoro para as duas pessoas se sentirem bem, e sentirem que é uma boa relação?
- 1.5. O que é que da tua vida te ajudou a construir esta ideia sobre o que é uma boa relação de namoro?
- 1.6. O que achas que leva as pessoas que namoram a decidir viver junto e constituir família?
- 1.7. Na tua opinião, o que é importante haver numa relação de casamento para as duas pessoas se sentirem bem, e sentirem que é uma boa relação?
- 1.8. Já alguma vez viste ou conheceste um casal, em que pensasses que gostarias de ter um casamento assim? Se sim, o que havia nessa relação de casamento que é importante para ti?
- 1.9. O que é que da tua vida te ajudou a construir esta ideia sobre o que é uma boa relação de casamento?

2. Família

- 2.1. O que é para ti ser família? Dá alguns exemplos concretos, pois pode ser mais fácil.
- 2.2. Qual a importância da família na vida das pessoas? Qual é o papel da família na vida das pessoas? Podes dar exemplos concretos?
- 2.3. Na tua opinião, como é que funciona, no dia a dia, uma família onde as pessoas se sentem bem, onde há um bom ambiente familiar?
- 2.4. Esta imagem de família que tens descrito, surgiu como? Quem e em que situações é que foste começando a pensar no que é uma família como a que tens estado a descrever?
- 2.5. Alguma vez viste ou conheceste famílias em que pensaste que gostavas de vir a construir uma família como aquela? Se sim, o que havia nessa família que é para ti importante vires a ter numa tua família futura?

3. Expectativas em relação ao futuro

- 3.1. Pensas vir a ter uma relação de namoro?
 - 3.1.1. (Se sim): Fala-me um pouco sobre o tipo de relação que queres ter? Como gostavas que fosse?
 - 3.1.2. (Se não): Consegues explicar o porquê de não queres ter este tipo de relação?
- 3.2. Pretendes formar uma família no futuro?

- 3.2.1. (Se sim): Fala-me um pouco sobre o tipo de família e/ou ambiente familiar que desejas ter? Como gostavas que fosse? Dá exemplos concretos (por exemplo, ambos cozinhareem)
- 3.2.2. (Se não): O que pensas fazer no futuro, profissionalmente, em termos de família, tempos livres, etc? Quem é que pensas que irá fazer/gostarias que fizesse parte da tua vida futura?

4. Se a tua vida fosse um filme, como se chamava? Explica o motivo desse título?
5. Como te sentiste ao longo desta nossa conversa? Houve alguma coisa que fosse mais difícil para ti? Na tua opinião, achas que podemos fazer esta entrevista a outros jovens? Justificar.
6. Há alguma coisa que gostasses de dizer que não foi conversada?
7. Há alguma questão que me queiras colocar?

Muito obrigada pela tua colaboração, gostei muito de conversar contigo e a tua opinião é muito importante!